

TESE DOUTORAL

**COMPLEXIDADE TERRITORIAL E DESENVOLVIMENTO:
TENDÊNCIAS E PERSPECTIVAS DA URBANIZAÇÃO NO
LITORAL DE CAMAÇARI / BAHIA / BRASIL**

LÉA ESTER SANDES-SOBRAL

**UNIVERSIDADE DE BARCELONA
BARCELONA, 2008**

5 O CENÁRIO TENDENCIAL PARA O TURISMO LITORÂNEO E LAZER CONTEMPORÂNEO: PRAIA E CLIMA COMO ATRATIVO TURÍSTICO DOS LUGARES

Para que a *atração global* não se transforme em *atração fatal*, com perda de identidades sócio-culturais e comprometimento do meio ambiente, é preciso avançar nas estratégias locais / regionais. Só assim será possível superar, de forma relevante, a chamada perversidade da globalização. (SILVA, S. 1998, p. 100).

Apresenta-se, neste capítulo, a questão do turismo litorâneo, no contexto da tendência de desenvolvimento do turismo sustentável da orla do Município de Camaçari e seu entorno metropolitano.

A construção dos cenários tendenciais é mostrada através das pesquisas da vocação turística da orla municipal e do clima como fator de atração turística e desenvolvimento dos lugares litorâneos. A análise espacial do turismo e lazer contemporâneo é abordada pelo viés dos novos hábitos urbanos e de entretenimento.

A ocupação dos espaços públicos com atividades de comércio e serviços, de âmbito metropolitano, incorpora a valorização do turismo litorâneo, com as conseqüências de privatização dos espaços públicos de lazer – as praias –, da turistificação dos lugares - ambientes naturais como destino para ecoturismo, turismo de aventura, turismo náutico - e turismo residencial.

Depois da fatídica data, de 11 de setembro de 2001, quando ocorreram os ataques terroristas aos Estados Unidos, o otimismo, que vinha permeando as atividades da grade turística mundial, sofreu um forte abalo, pelo menos, no curto prazo, no que se refere aos destinos de viagens. Muitos cientistas políticos e analistas supõem que esta data histórica, venha a ser um marco, a partir do qual o planeta Terra terá outra configuração territorial, pois algumas relações internacionais de segurança das nações, e procura pelo lazer, que são intrínsecas às atividades turísticas, de alguma forma foram alteradas.

A impressão que se tem é que, de fato, não existem territórios, nações, países separados por fronteiras terrestres, marítimas ou aéreas. O mundo tornou-se uma aldeia global, ficou pequeno e menos fragmentado geograficamente, o lugar está em qualquer parte, qualquer lugar é vulnerável, violento e acessível fazendo parte da mesma rede. Em oposição, tem-se a extrema diversificação – culturas, etnias, valores, conceitos, hábitos e realidades –, dando a sensação de estar cada vez mais distante e dividido pelo mundo.

Hoje, percebe-se uma transformação ou, pelo menos, uma crítica mais contundente aos limites do liberalismo e da expansão capitalista, que poderá ser alterada pela recessão e pauperização,

que se aproxima das nações, como um rolo compressor. Pelo menos, é isso que os alarmistas de plantão e a mídia bombardeiam com estatísticas pessimistas.

O fato de terem sido atacados, de uma só vez, os símbolos do capitalismo mundial, na sede da maior potência industrial do planeta e o fato de pipocarem guerras provocadas por fundamentalistas, em vários cantos do planeta ao mesmo tempo, e ondas de violência urbana e terrorismo estarem se alastrando por destinos turísticos consagrados – como a França, Inglaterra e Israel – implicam em novas estratégias. Algumas alterações de percurso deverão ser pensadas, pois a batalha contra o terrorismo provoca sanções econômicas, virtuais, virais, supersônicas, eletrônicas ou sanguinolentas.

A repercussão, nos territórios, de fatos internacionais ou não deve ser considerada na questão do fenômeno do turismo. No período que sucedeu os atentados terroristas, em 2001, nos Estados Unidos e a guerra entre Israel e Líbano, em 2006, muitos destinos turísticos perderam a atratividade pelo medo da onda terrorista. E, ainda, a guerrilha urbana, no mesmo ano, instalada na maior metrópole do Brasil, com os ataques violentos do Primeiro Comando da Capital – PCC –, em São Paulo, paralisou as atividades turísticas e cotidianas, de milhões de pessoas, na região metropolitana paulistana, além de afetar todo o país.

Mais recentemente, a greve de controladores dos aeroportos nacionais, ocasionou transtornos terríveis aos passageiros, refletindo-se em várias atividades produtivas do país, e principalmente na indústria hoteleira da Bahia, que amargou baixa ocupação, com o cancelamento de muitos vôos e seus respectivos pacotes turísticos. Esta fragilidade, as quais estão expostas, as atividades ligadas ao fenômeno do turismo contemporâneo, oportunizou uma mobilização pessoal e reflexão acerca da questão do território e do lugar turístico.

Para entender a enorme crise mundial e suas implicações espaciais, faz-se necessário aprofundar os conhecimentos na nova Geografia Mundial e suas ramificações.

O turismo é uma atividade muito sensível e complexa, na qual qualquer interferência num dado lugar altera, de imediato, questões do outro lado do mundo. Isso fica claro, por exemplo, quando se percebe queda de número de visitantes e cancelamento imediato de viagens turísticas em muitas áreas do planeta. Entende-se, portanto, a importância dos acontecimentos

globais interferindo nos assuntos locais e os problemas e vantagens locais interagindo no global.

O planejamento e a gestão do espaço turístico envolvem todos os segmentos leva em conta a valorização cultural e sua diversidade, a preservação da biodiversidade, o respeito à legislação urbana e ambiental.

Os novos hábitos de consumo e de lazer da sociedade atual globalizada são incorporados à análise territorial do turismo e do lazer na zona costeira da RMS. A discussão da privatização dos espaços públicos de lazer – ocupação das areias das praias –, e os impactos no território dos investimentos públicos e privados em equipamentos turísticos induzem a uma transformação espacial, configurando uma nova dinâmica territorial do Litoral Norte da Bahia.

A convivência das diversas lógicas existentes, na dinâmica turística litorânea, pressupõe processos e comportamentos diferenciados, que transformam as estruturas territoriais, sociais, ambientais e econômicas, e expõem as contradições e riscos para o desenvolvimento das regiões costeiras.

A complexidade territorial e as motivações heterogêneas dos setores atuantes – público, privado, social, trabalhadores, moradores e turistas –, nos espaços litorâneos, necessitam de canais de diálogo, e agendas negociadas, para definir as estratégias de desenvolvimento desejado para a Região. A pergunta que se faz então é: *qual é a orla de Camaçari que queremos?*

A resposta da questão é refletida com a pesquisa sobre a vocação turística do litoral do Município de Camaçari. Identificam-se cenários desejáveis pela população residente, apontam-se estratégias e ajustes necessários a partir dos impactos do lazer contemporâneo e dos investimentos turísticos programados públicos e privados.

Respondem-se as perguntas iniciais desta tese: Qual o nosso desejo de orla marítima? Qual a vocação da orla de Camaçari? Como alcançar um desenvolvimento local e regional melhor para todos? Quais os cenários possíveis e desejáveis para o futuro desse lugar que é local e

global? Quais os efeitos e as implicações dos cenários alternativos sustentáveis no modelo de ocupação territorial?

Com isso, sustentam-se as hipóteses propostas neste trabalho, a identificação dos fatores que provocam a insustentabilidade ou não do modelo de ocupação da zona litorânea do Município de Camaçari, comprometendo a qualidade de vida da atual e das futuras gerações.

5.1 VOCAÇÃO TURÍSTICA DA ORLA DE CAMAÇARI – PESQUISA SOBRE TURISMO LITORÂNEO

[...] deixo aqui minha insatisfação concernente ao fato de que o poder econômico está transformando a orla num parque residencial. Isso tem que parar! Precisa de uma lei mais rígida, tanto para pessoa jurídica, como para a física. O poder executivo precisa atuar de forma sustentável e responsável. (Entrevistado na Pesquisa sobre a Vocação Turística da orla do Município de Camaçari, 2005).

Para responder a questão, de qual é a orla de Camaçari que se quer, realizou-se uma pesquisa direta, no período de 2004 a 2007, no Município de Camaçari. A enquête objetivou obter informações sobre o que pensam os moradores, usuários, trabalhadores, estudantes, veranistas e turistas sobre a orla de Camaçari, e quais as suas opiniões sobre as tendências e perspectivas desse lugar. Utilizou-se a técnica de entrevista pessoal através de questionários estruturados e aplicados pela pesquisadora.

O questionário foi elaborado com 17 perguntas (ver Apêndice C). Na primeira parte do questionário, nas perguntas de 1 a 3, a intenção foi traçar o *perfil socioeconômico* do entrevistado, e usou-se para análise dos resultados o Critério Brasil de Classificação Socioeconômica¹. As perguntas 4 e 5 qualificam o usuário, informando a sua *ocupação* na hora da entrevista e o tipo de uso que faz da orla do Município de Camaçari.

Quanto à opinião do usuário foram elaboradas sete perguntas, de 4 a 10, que ajudam a construir os *cenários*, demonstrando o conhecimento das pessoas sobre a orla. Identificam-se as necessidades de *serviços* nas questões 11, 12 e 13. A partir das respostas às perguntas 14 e 15, foram qualificadas as *localidades* existentes na orla, quando o entrevistado responde sobre

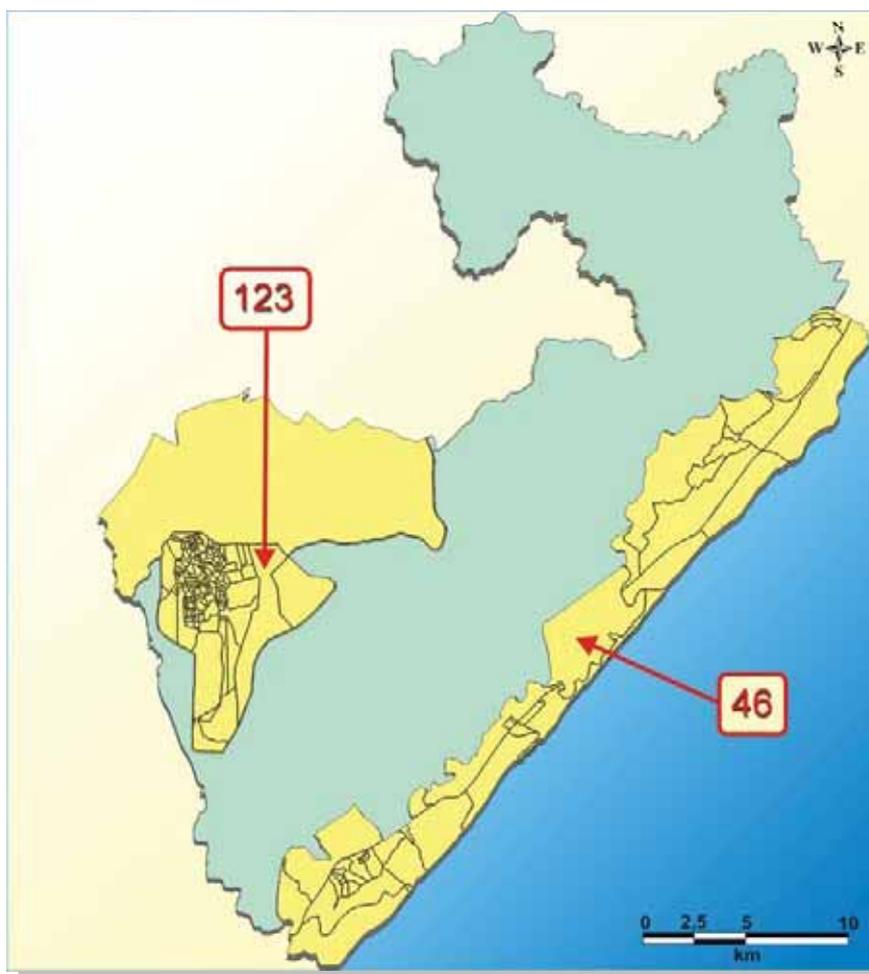
¹ Padrão de medição utilizado para avaliar o perfil socioeconômico da população.

os locais mais freqüentados e qualifica os lugares, tipificando e valorizando o ambiente construído e natural.

Na questão 16 obteve-se a opinião dos entrevistados sobre a *vocação* da orla. A última questão é aberta, solicita-se que o entrevistado faça *sugestões e reivindicações em geral* sobre o litoral de Camaçari.

A amostra intencional contou com 169 entrevistas e os questionários foram aplicados com a seguinte distribuição territorial: 123 na sede e 46 na orla do Município considerando que o número de habitantes da sede é de 150 mil e da orla 50 mil manteve-se a proporção de quantidade de questionários de um para três (Mapa 33).

Mapa 33: Distribuição territorial dos questionários aplicados na Pesquisa II.



Fonte: Elaboração própria com dados de BAHIA, 2005 a.

A partir das informações coletadas com os sujeitos da pesquisa, apresentam-se a seguir, em forma de gráficos e figuras, os resultados da pesquisa de campo, as conclusões obtidas, assim como fotos e mapas de localização.

O questionário aplicado – Pesquisa II –, Tipo A, teve o objetivo de qualificar o tipo de usuário da orla de Camaçari, sendo selecionados residentes, veranistas, turistas e usuários em geral nos locais definidos para a coleta de dados. O objetivo central deste questionário foi verificar qual é a orla de Camaçari que a população quer ou deseja para seu Município, portanto, a questão central do questionário aplicado foi: *Qual é a orla de Camaçari que queremos?*

5.1.1 Perfil Socioeconômico do Entrevistado

A pergunta 1 trata do gênero e da faixa etária dos entrevistados. A pergunta 2 informa o grau de escolaridade. Os resultados obtidos revelam que, dentre as pessoas entrevistadas, a maioria foi do gênero feminino, com percentual de 70%, e de faixa etária entre 19 e 55 anos, ou seja, de adultos, cujo grau de instrução é do ensino colegial médio. Do total dos entrevistados, 1/3 possui idade de 26 a 55 anos e a metade está na faixa de 19 a 25 anos, sendo a maioria de jovens, com nível médio de escolaridade. Vale destacar que, do total dos entrevistados, aproximadamente 15% possuem nível universitário.

A pergunta 3 classifica o nível socioeconômico dos entrevistados, dizendo respeito à quantidade de bens de consumo que a família possui. O resultado da pontuação é somado ao número de pontos correspondentes ao nível de escolaridade do entrevistado. Quanto maior a pontuação, mais alta a posição na escala social. Utilizou-se a metodologia denominada Critério Brasil de Classificação Socioeconômica, para traçar o perfil socioeconômico dos entrevistados. O questionário foi elaborado, de acordo com o padrão sugerido, pela metodologia para a coleta de dados.

O Critério Brasil de Classificação Socioeconômica revela a renda média familiar dividida em classes e os dados obtidos, na pesquisa, refletem a situação pesquisada (Quadro 38 e Fig. 37).

Quadro 38: Distribuição da população entrevistada segundo o Critério Brasil de Classificação Socioeconômica

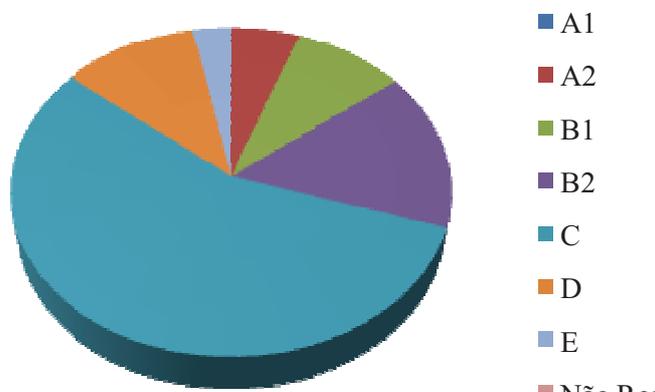
Classe	Valor (R\$) ²	Valor (R\$) ³	Valor (€) ⁴	Valor (US\$) ⁵
A1	9.733,47	12.329,06	4.483,29	6.164,53
A2 – alta	6.563,73	8.314,05	3.023,29	4.157,02
B1 - média alta	3.479,36	4.407,18	1.602,61	2.203,59
B2 – média média	2.012,67	2.549,82	927,20	1.274,91
C1 – média baixa	1.194,53	1.513,07	550,20	756,53
C2 - baixa	725,26	918,66	334,05	459,33
D – pobre	484,97	614,29	223,37	307,14
E – muito pobre	276,70	350,48	127,44	174,24

Obs.: renda média familiar por classe (em valores de 2005)

Fonte: Elaboração própria com dados da ABEP – LSE 2005 IBOPE MÍDIA e DIEESE

Para a classificação final são considerados os itens de conforto dos entrevistados, conforme a quantidade de equipamentos informada, por cada entrevistado. Informações estas já embutidas no questionário, na questão 03 (Apêndice C), para a tabulação geral e classificação final, de acordo com um critério de corte estabelecido pelo Critério Brasil de Classificação Socioeconômica.

Figura 37: Perfil socioeconômico dos entrevistados



Fonte: Pesquisa direta, Camaçari, 2004-2007.

De acordo com o resultado da pesquisa, os entrevistados distribuem-se pelas diversas classes econômicas, segundo o Critério Brasil de Classificação Socioeconômica. Os entrevistados pertencem às classes B, C e D na sua maioria, sendo que, na classe A, poucos se enquadraram.

² Os valores são relativos ao SM de R\$ 300,00 em 2005.

³ O valor atualizado do SM é de R\$ 380,00 (em maio de 2007), equivalente a aproximadamente US\$ 200 e €\$ 150.

⁴ Cotação do euro em maio de 2007: 1 €\$ equivalente a R\$ 2,75.

⁵ Cotação do dólar em maio de 2007: 1 US\$ equivalente a R\$ 2,00.

O maior percentual foi de pessoas da classe C (baixa), onde se enquadram 57% dos entrevistados, seguidos da classe média (B), com quase 1/4 dos entrevistados, e da classe pobre (D), e muito pobre (E), com quase 15%. Tem-se, portanto, um perfil de pessoas pertencentes à classe média baixa e baixa, predominantemente.

5.1.2 Qualificação do Entrevistado – Tipo de Usuário

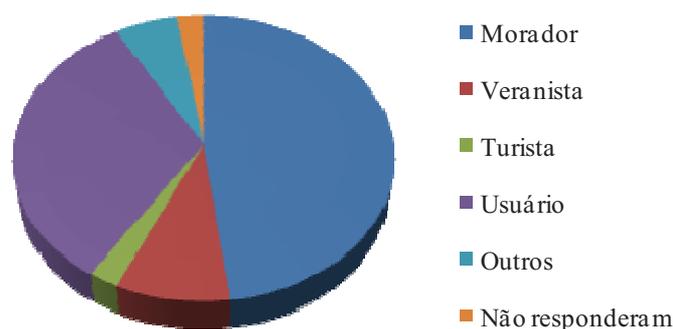
A qualificação do entrevistado é concernente ao tipo de usuário que frequenta o litoral do Município. Qual a sua atividade principal no momento da entrevista e como ele se considera em relação à motivação, e escolha do local onde ele se encontra, além de identificar a frequência semanal com que costuma visitar a orla, donde se pode depreender o tipo de uso que faz dessa região. A tipificação do usuário está estruturada nas perguntas 4, 5 e 6 e cujos resultados são demonstrados a seguir.

A pergunta 4 mostra como se considera o entrevistado, se usuário, turista, morador ou veranista?

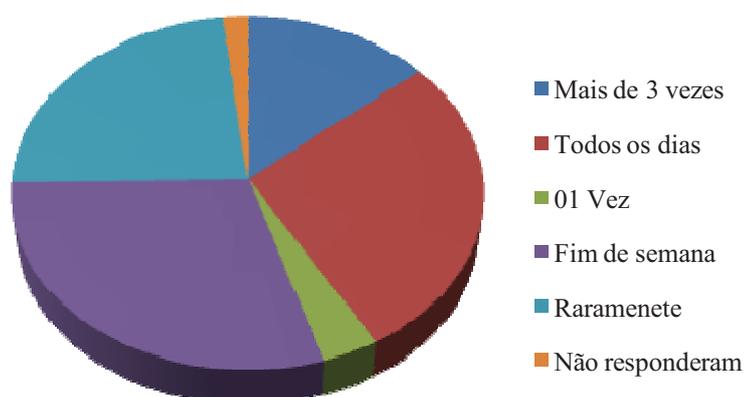
A figura 38 expõe que a grande parte dos entrevistados (48%) são moradores do Município, seguido do número de pessoas que se consideram usuários da orla da Camaçari, e uma parcela menor, composta por veranistas. No entanto, na categoria de usuário o entendimento do entrevistado foi abrangente, podendo ser enquadrado quando estivesse, concomitantemente, em outras categorias ou estivesse com dúvidas de onde se enquadrar.

A pergunta 5 relaciona a atividade no momento da entrevista, e a grande maioria dos entrevistados respondeu que estava estudando ou trabalhando na hora da entrevista, já que são moradores do Município.

Na pergunta 6 a resposta foi em relação à quantidade de vezes, por semana, que o indivíduo costuma frequentar a praia (Fig. 39). O objetivo foi mensurar a frequência do usuário na praia. O resultado foi que um terço frequenta a praia nos fins de semana, e outro terço todos os dias. A motivação de ir diariamente era por trabalhar no local ou estar de férias, como é o caso dos turistas e veranistas. As pessoas que, raramente, frequentam a praia atingiram 23% dos entrevistados e são moradores, trabalhadores locais e estudantes.

Figura 38: Tipo de usuário

Fonte: Pesquisa direta, Camaçari, 2004-2007.

Figura 39: Frequência que o entrevistado costuma ir à praia.

Fonte: Pesquisa direta, Camaçari, 2004-2007.

Observou-se que estas pessoas não freqüentam a praia para seu lazer e entretenimento de fim de semana, por opção, mesmo tendo o acesso facilitado, ou seja, os trabalhadores e moradores locais nem sempre usam a sua orla para lazer e sim para suas atividades econômicas de subsistência ou sobrevivência e habitação.

Pode-se inferir que os trabalhadores que lá estão durante o horário de sol, mesmo os que estão na praia, estão exercendo as suas atividades profissionais, portanto, a sua lógica de usuário desta orla é para trabalho e não para entretenimento. Outra inferência é co-relacionada à idade dos freqüentadores da orla e o tipo de lazer predominante, visto que o lazer de praia capta, na sua maioria, os jovens moradores, pela cultura local de *praia de bar* em vez de praia de mar. Os mais velhos não se expõem tanto ao sol e têm outras preferências de lazer.

5.1.3 Opinião sobre a orla de Camaçari – construção de cenários

Foram elaboradas sete perguntas de opinião, e, de acordo, com as respostas obtidas nas perguntas de 7 a 13, configuraram-se os cenários do passado, atual e futuro. Ademais, mostrou-se o conhecimento das pessoas sobre a orla de Camaçari, além de demonstrar o desejo do entrevistado, de como ele gostaria que fosse esta orla, no futuro, sem considerar a continuidade dos problemas atuais ou impactos das intervenções futuras.

Nas perguntas 7 e 8 foi demonstrado o conhecimento sobre a orla, e de como ela era há 30 anos, e atualmente. Nas perguntas 9 e 10, verificou-se como seria o cenário projetado para daqui a 20 anos. Finalmente, nas últimas questões, tem-se o cenário desejado pela população, respondendo à indagação que se quer aprofundar neste estudo: *Qual é a vocação da orla de Camaçari?*

Pergunta 07 (Fig. 40), como era a orla de Camaçari há 30 anos?

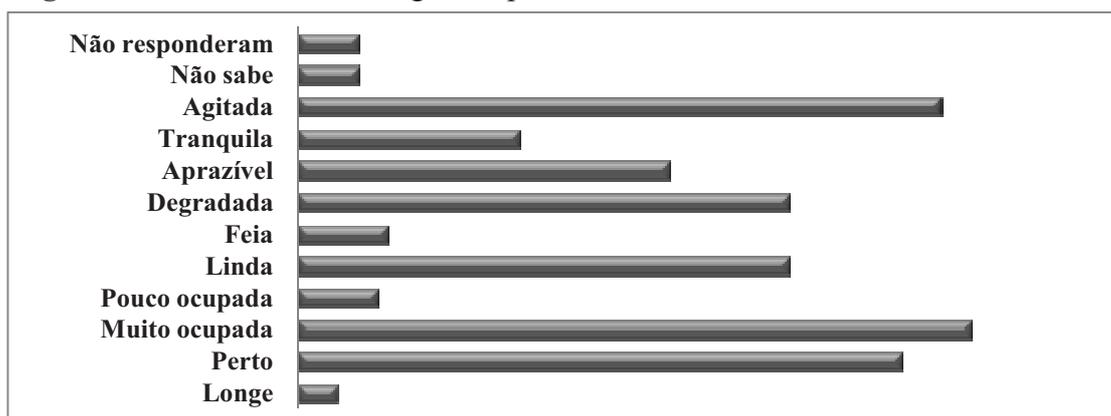
De acordo com as respostas tabuladas, a maioria não sabe como era esta orla no passado. Isto resulta do fato da maioria dos entrevistados estarem na faixa etária de jovens, abaixo de 30 anos, não tendo, portanto, informações vivenciadas no passado. Entretanto, a maior parte respondeu que ela deveria ter sido tranqüila, aprazível, pouco ocupada, linda e longe, configurando o *cenário passado para a orla de tranqüilidade, aprazibilidade, pouca ocupação, beleza e distante*.

Quanto às respostas de como ela encontra-se atualmente, a maioria a considera muito ocupada, agitada, degradada e próxima a suas residências, o oposto das respostas obtidas, para o cenário de 30 anos atrás, apesar de ainda continuar linda, aprazível e tranqüila. Em termos de tranqüilidade, observa-se certa discrepância, pois, para uns, ela é agitada e, para outros, é tranqüila também.

Figura 40: Cenário passado configurado pelos entrevistados

Fonte: Pesquisa direta, Camaçari, 2004-2007.

Pergunta 8 (Fig. 41): como a orla de Camaçari se encontra atualmente?

Figura 41: Cenário atual configurado pelos entrevistados

Fonte: Pesquisa direta, Camaçari, 2004-2007.

Estas incongruências, que aparecem algumas vezes, ao longo da pesquisa de opinião, são em decorrência da diversidade de localidades existentes na região litorânea e de motivações variadas dos usuários.

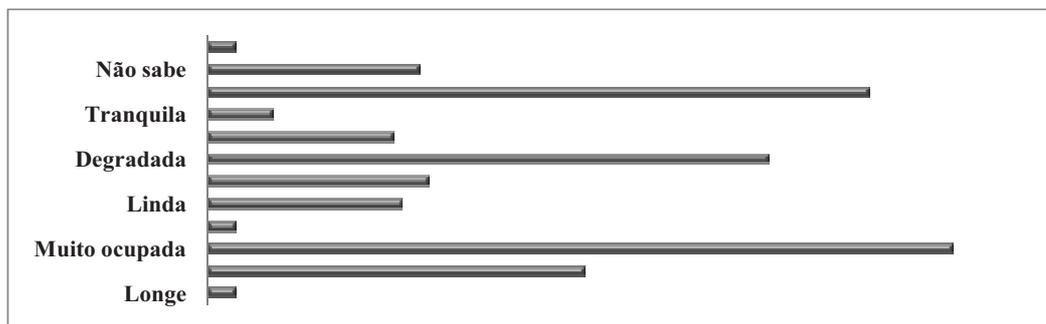
Constata-se, portanto, que pela opinião da população usuária, a orla mudou muito nesses 30 anos, principalmente nas suas condições de ocupação do solo, acessibilidade e impactos ambientais. Quanto as suas características de vocação para lazer e turismo, permanece atrativa, pois ainda é linda, aprazível e tranqüila.

Configura-se, desse modo, o *cenário atual para a orla com vocação para turismo e lazer*, apesar da intensificação da ocupação do solo, e dos problemas de acessibilidade e impactos

ambientais. Pode-se inferir, nesta questão, os cuidados que devem ser tomados para reordenar a ocupação do solo, respeitando os limites de sustentabilidade ambiental, e capacidade de carga dos ecossistemas.

A pergunta 9 (Fig. 42) solicita a opinião de como a orla de Camaçari se encontrará nos próximos 20 anos?

Figura 42: Cenário futuro configurado pelos entrevistados.

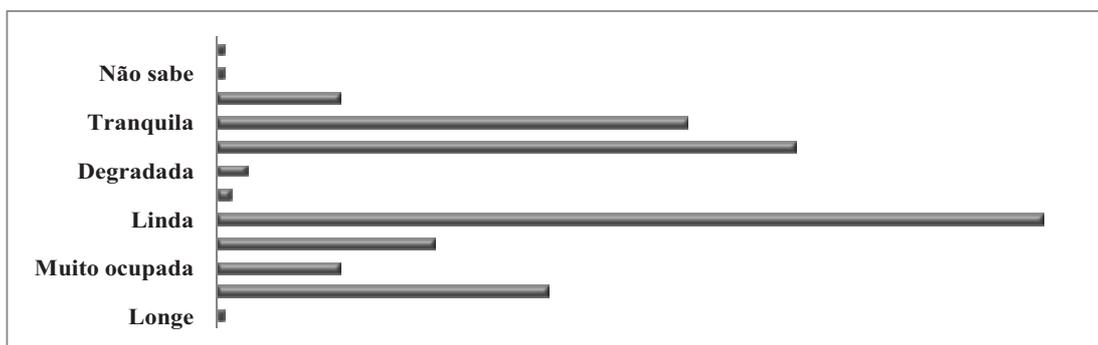


Fonte: Pesquisa direta, Camaçari, 2004-2007.

O cenário projetado pela maioria entrevistada, para os próximos 20 anos, é uma orla *muito ocupada, degradada e agitada*. Observa-se também que, nesta pergunta, as pessoas já inseriram a variável *feia*, partindo do pressuposto de que ela não será linda.

Vislumbra-se, pelos cenários projetados pela população, a preocupação estética com a paisagem futura, um tipo de ocupação e uso do solo de grande densidade. Configura-se, portanto, um *cenário futuro para a orla de alta densidade ocupacional, muita degradação, agitação indesejada e perda do padrão estético de beleza paisagística*.

O questionamento da pergunta 10 (Fig. 43) foi saber qual é a orla de Camaçari que se deseja encontrar daqui a 20 anos? O desejo da população, expresso nessa questão, era de que as pessoas almejassem uma orla principalmente *linda, aprazível e tranqüila*, além de *perto e pouco ocupada*, demonstrando sua vontade, diferentemente da pergunta anterior, que é respondida, com a inexorabilidade, da previsão pessimista de degradação e urbanização acelerada.

Figura 43: Cenário desejado configurado pelos entrevistados

Fonte: Pesquisa direta, Camaçari, 2004-2007.

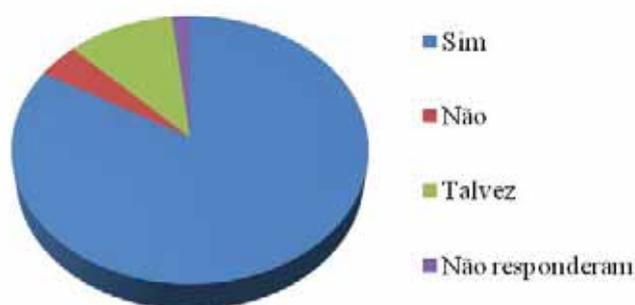
É nessa parte da pesquisa que se constata e responde a uma das principais questões levantadas inicialmente: *Qual é a orla de Camaçari que queremos?* A população entrevistada mostra e demonstra o desejo de continuar a habitar uma região aprazível e tranqüila, com todos seus atrativos e qualidades necessárias ao desenvolvimento das atividades de turismo, lazer e entretenimento para a população residente.

A partir do desejo de uma orla voltada para o lazer do cidadão, constata-se que a população condena a degradação e a densificação desse território. Apresenta-se, como anseio, o cenário tendencial de uma orla preservada nos seus ecossistemas e pouco impactada, pelas atividades de turismo, serviços e equipamentos a serem implantados, configurando-se um cenário tendencial construtivo.

5.1.4 Identificação de necessidades de serviços

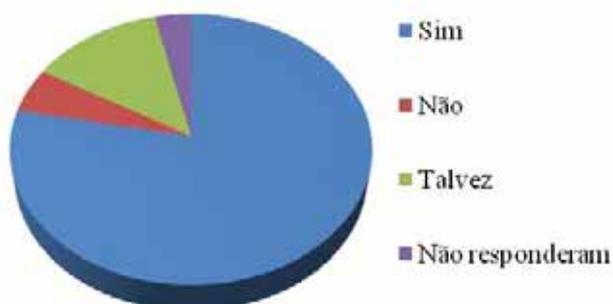
Para identificar os serviços necessários elaboraram-se as três perguntas a seguir:

Pergunta 11 (Fig. 44) – Gostaria de encontrar outros serviços na orla como um todo?

Figura 44: Serviços necessários na orla

Fonte: Pesquisa direta, Camaçari, 2004-2007.

Pergunta 12 (Fig. 45) – Gostaria de encontrar outros serviços neste local especialmente?

Figura 45: Serviços necessários no local da entrevista

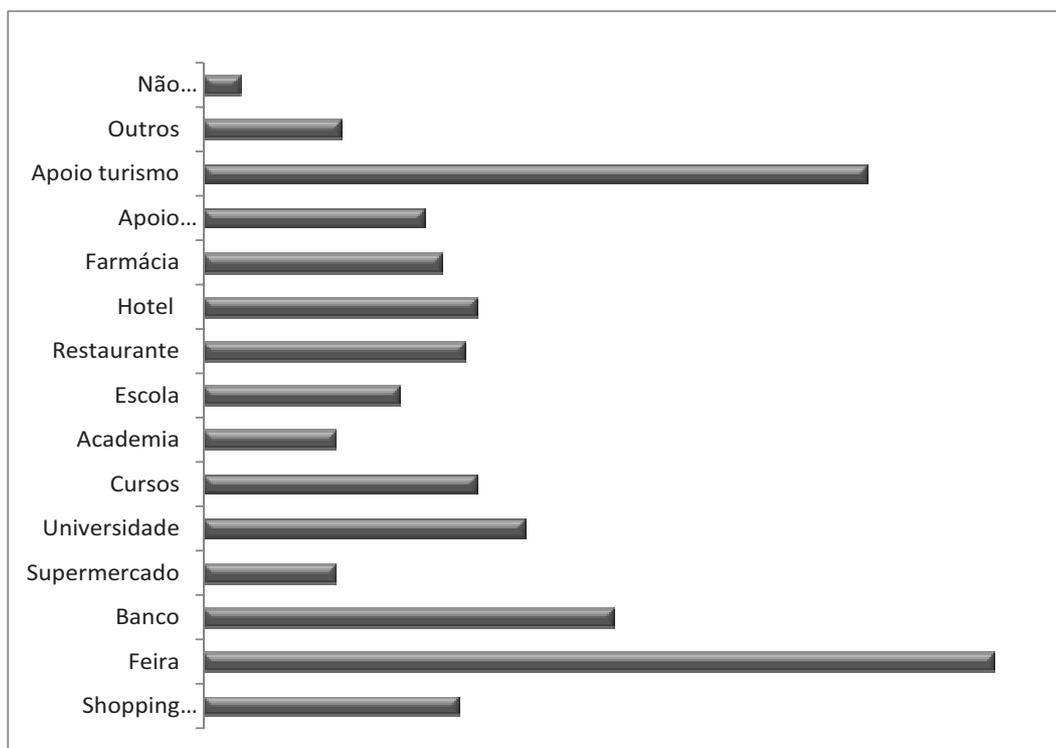
Fonte: Pesquisa direta, Camaçari, 2004-2007.

De acordo com as necessidades de serviços identificadas na pesquisa, 83% gostariam de encontrar outros serviços na orla como um todo, além dos que já existem, e 78% gostariam de encontrá-los especificamente no local da enquête. Constata-se, portanto, a necessidade de oferta de mais serviços ao longo da orla.

Vale ressaltar que, para as enquêtes realizadas na sede municipal, era solicitado aos entrevistados que se reportassem, nesse caso, ao local orla de Camaçari como referencial espacial de desejo, visto que a pesquisa era sobre a orla e não sobre outro local, onde se encontrasse o entrevistado no momento da entrevista.

Pergunta 13 (Fig. 46) – Que tipo de serviços gostaria de encontrar neste local?

Figura 46: Tipo de serviços necessários na orla



Fonte: Pesquisa direta, Camaçari, 2004-2007.

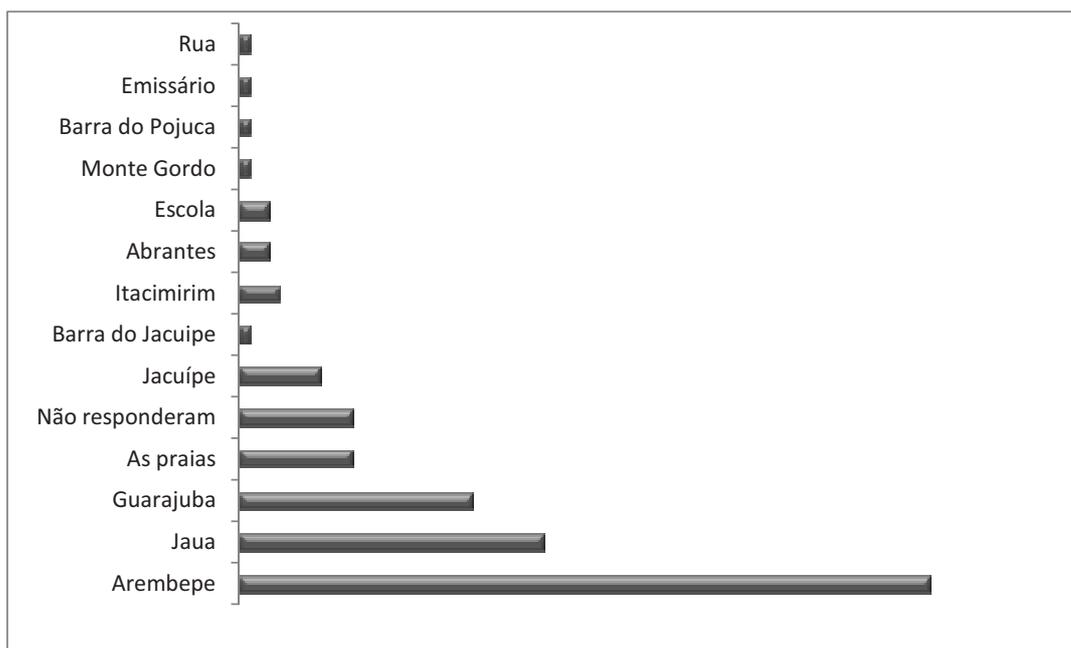
Quanto ao tipo de serviços que as pessoas entrevistadas desejam encontrar na orla de Camaçari, foram observados os itens de apoio à atividade residencial e à atividade turística. O maior percentual foi para a necessidade de *feira*, entendido aqui como *abastecimento alimentar*, seguido de *serviços de apoio ao turismo*, caracterizando a necessidade de melhoria da infra-estrutura turística.

Como terceira prioridade foi identificada a necessidade de instalação de *agência bancária*. Na quarta prioridade está a necessidade de *universidade*, demonstrando a vontade de aprimoramento educacional e acadêmico. Quanto aos outros itens, as respostas foram estatisticamente equilibradas, demonstrando a necessidade de serviços ligados às atividades turísticas e residenciais.

5.1.5 Qualificação das localidades existentes na orla

Situam-se os lugares mais freqüentados, pelos entrevistados, no Mapa 35 de acordo com a pesquisa. E classifica-se qual o lugar mais freqüentado na Figura 47.

Figura 47: Lugar mais freqüentado na orla de Camaçari.

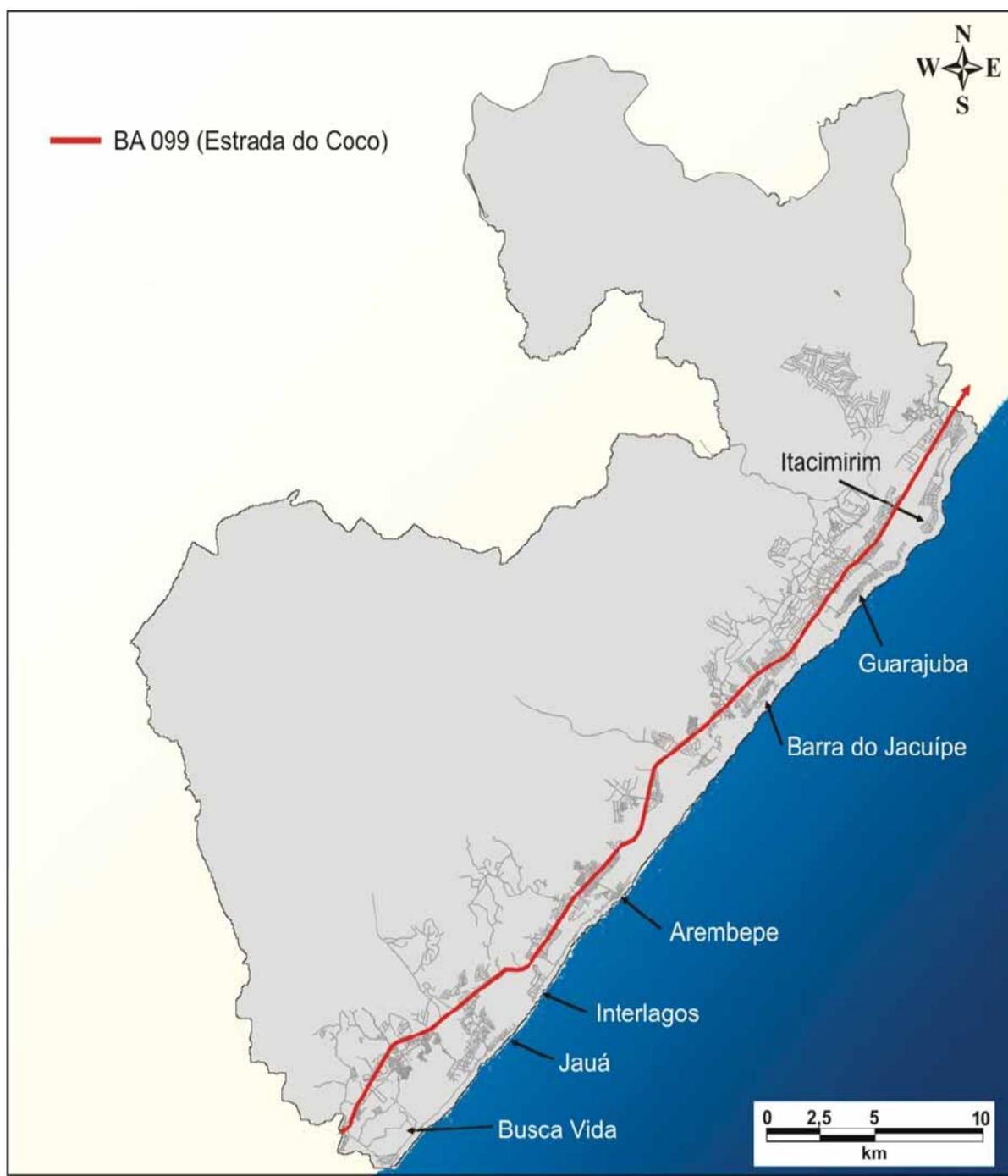


Fonte: Pesquisa direta, Camaçari, 2004-2007.

O lugar mais freqüentado no litoral do Município, para os entrevistados, é a praia de Arembepe – 1º. Lugar –, seguida de Jauá – 2º. Lugar – e, depois, Guarajuba – 3º. Lugar. Contudo, Barra do Jacuípe mereceu destaque. Quanto às outras mencionadas, as respostas foram em quantidades irrelevantes, em termos estatísticos. Quando se indagou o porquê da escolha, os motivos foram classificados por escolha de praia.

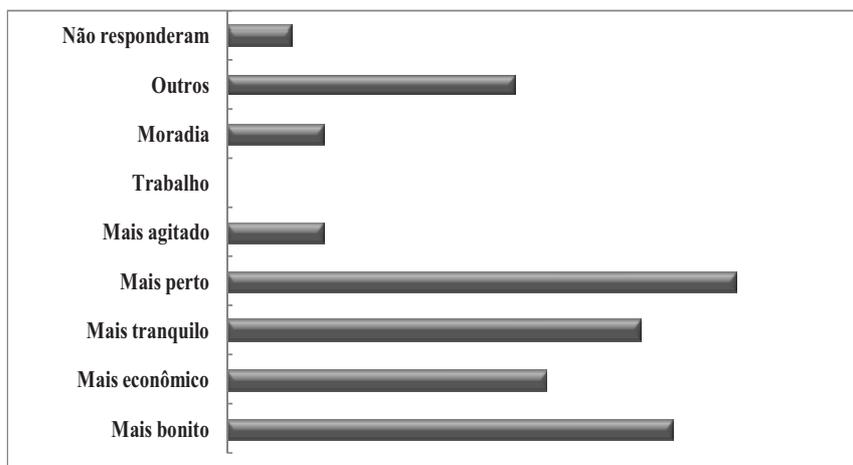
Pergunta 14 (Fig. 47) – Qual o lugar que mais freqüenta na orla de Camaçari?

Mapa 34: Lugares mais freqüentados apontados pelos entrevistados na Pesquisa II.

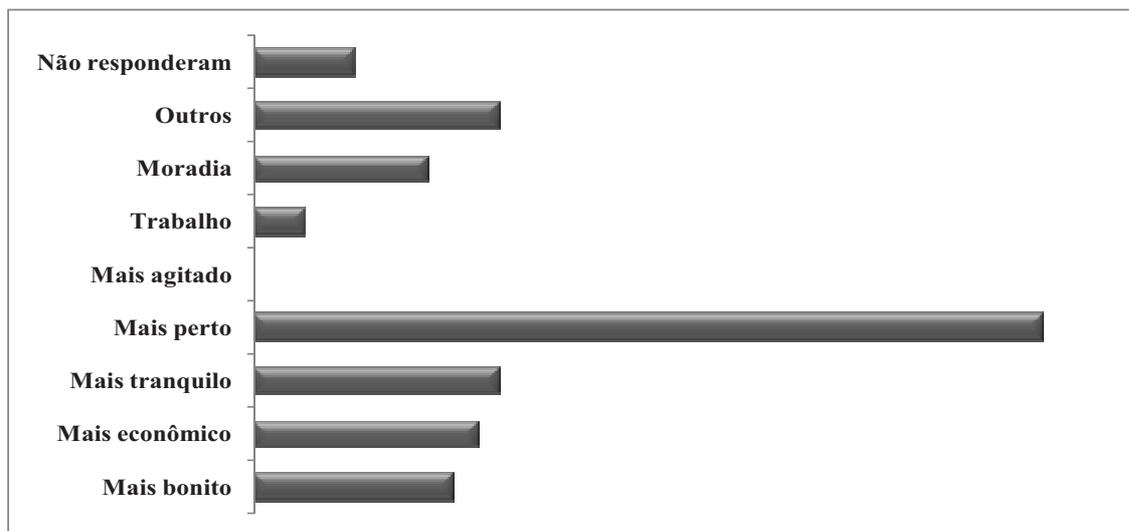


Fonte: Elaboração própria baseado na pesquisa de campo, Camaçari, 2004-2007.

Arembepe foi escolhida como a praia mais freqüentada pelos entrevistados, por ser *mais perto, mais bonita e mais tranqüila*, respectivamente (Fig. 48).

Figura 48: Por que Arembepe é a praia mais freqüentada?

Fonte: Pesquisa direta, Camaçari, 2004-2007.

Figura 49: Por que Jauá é a 2ª praia mais freqüentada?

Fonte: Pesquisa direta, Camaçari, 2004-2007.

Jauá foi escolhida em segundo lugar por ser *mais perto* com grande percentual, visto que, para a maioria dos entrevistados, que são moradores de Camaçari, o item acesso tem grande valor. De fato, é a menor distância da sede municipal ao litoral, sem o pagamento da taxa de pedágio é menos dispendioso ir para a praia de Jauá. Percentuais menores e equilibrados foram identificados nas respostas aos itens, por ser: *mais tranqüila, mais econômica e mais bonita*,

aparecendo, então, a condição de acessibilidade ligada ao fator econômico e aos aspectos paisagísticos (Fig. 49).

Guarajuba foi escolhida em terceiro lugar por ser, na opinião dos entrevistados, a praia mais bonita (Fig. 50).

Figura 50: Por que Guarajuba é a praia mais freqüentada?



Fonte: Pesquisa direta, Camaçari, 2004-2007

Quanto à motivação da freqüência às praias da orla, observou-se que Arembepe foi escolhida por ser a *praia mais perto, mais bonita e mais tranqüila* nesta ordem respectivamente. A segunda praia mais freqüentada foi Jauá, por ser também a praia localizada *mais perto, além de ser bonita, tranqüila e econômica*.

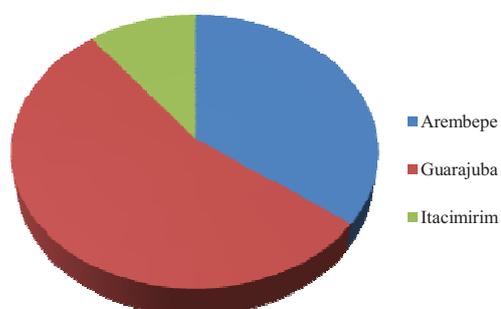
Destaca-se a valorização do fator econômico, e de acessibilidade, condicionando a escolha da população. O grande percentual obtido no item proximidade e economia denotam o perfil socioeconômico da população, que pelos dados de renda dos entrevistados são identificados como classe C. No caso de Guarajuba, contou o item *beleza paisagística* principalmente.

Quanto às outras praias mencionadas, como Jacuipe e Itacimirim, as escolhas foram devidas aos aspectos da *tranqüilidade e beleza natural*.

5.1.6 Valorização dos Lugares

Na questão da valorização dos lugares, a pergunta foi elaborada no sentido de confirmar a opção da escolha da praia e obteve-se a eleição de *Guarajuba como a melhor praia pela sua estruturação e organização*, além da *limpeza e beleza*, demonstrando a importância que a população dá à infra-estrutura e aos serviços urbanos (Fig. 51 e 52). Nesse aspecto, a escolha da melhor praia como sendo Arembepe passa para segundo lugar, sendo valorizada pela sua *tranqüilidade e beleza* (Fig.53). Vale destacar que Itacimirim foi valorizada pela sua *tranqüilidade*.

Figura 51: Qual o melhor local da orla de Camaçari?



Fonte: Pesquisa direta, Camaçari, 2004-2007

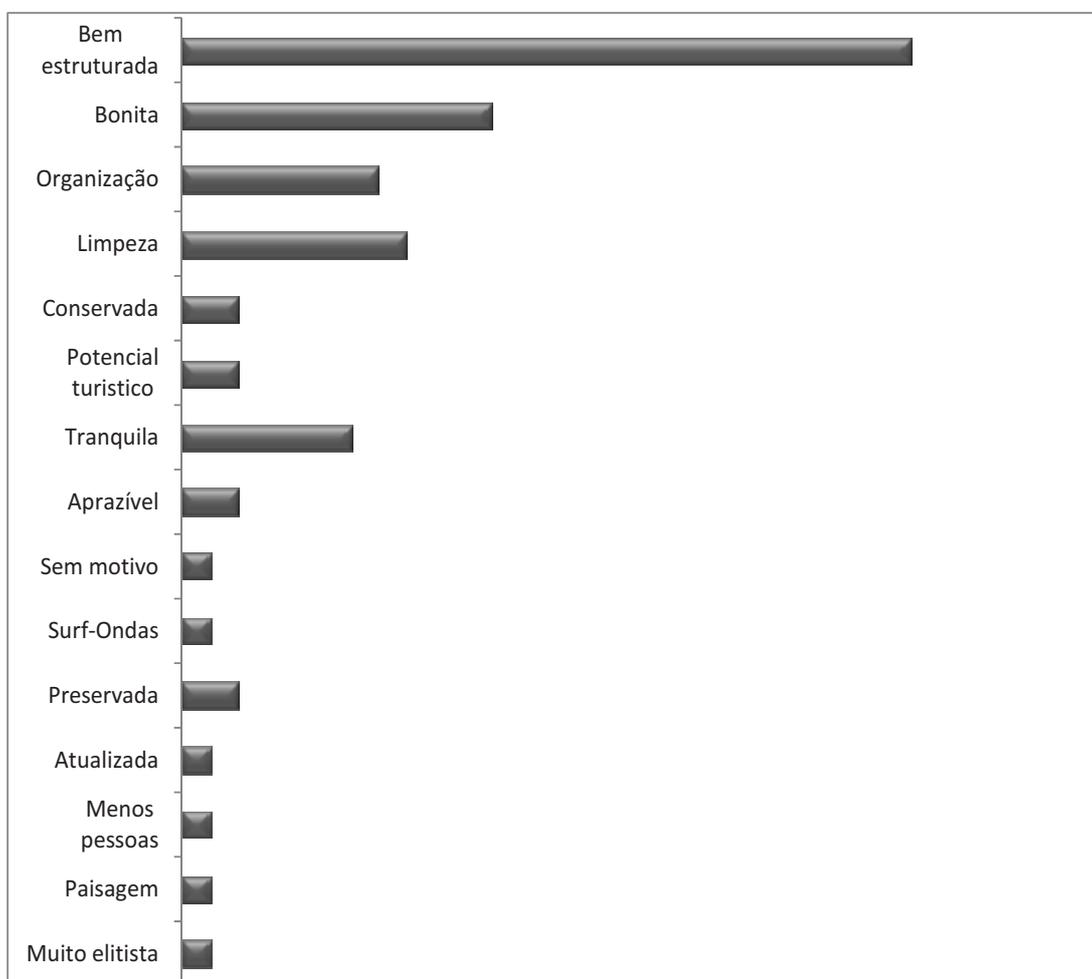
As localidades de Barra do Pojuca, Busca Vida e Monte Gordo obtiveram 02 pontos cada, na contagem geral, e a motivação da escolha foi devida à *tranqüilidade* em todas as três, aparecendo ainda a *beleza* de Barra do Pojuca, a *infra-estrutura* em Busca Vida e a hospedagem em Monte Gordo. A praia do Emissário alcançou 01 ponto e destaca-se pela *tranqüilidade*.

As escolhas de outros lugares foram desconsideradas na avaliação da pesquisa, por estarem fora da compreensão da pergunta e do universo de pesquisa, como Praia, Linha Verde, Mar e Cajazeiras, que não fazem parte do limite territorial da orla de Camaçari. Do mesmo modo, os destinos turísticos de Praia do Forte, Imbassaí, Mangue Seco e Costa do Sauípe foram igualmente desconsiderados pelo mesmo motivo.

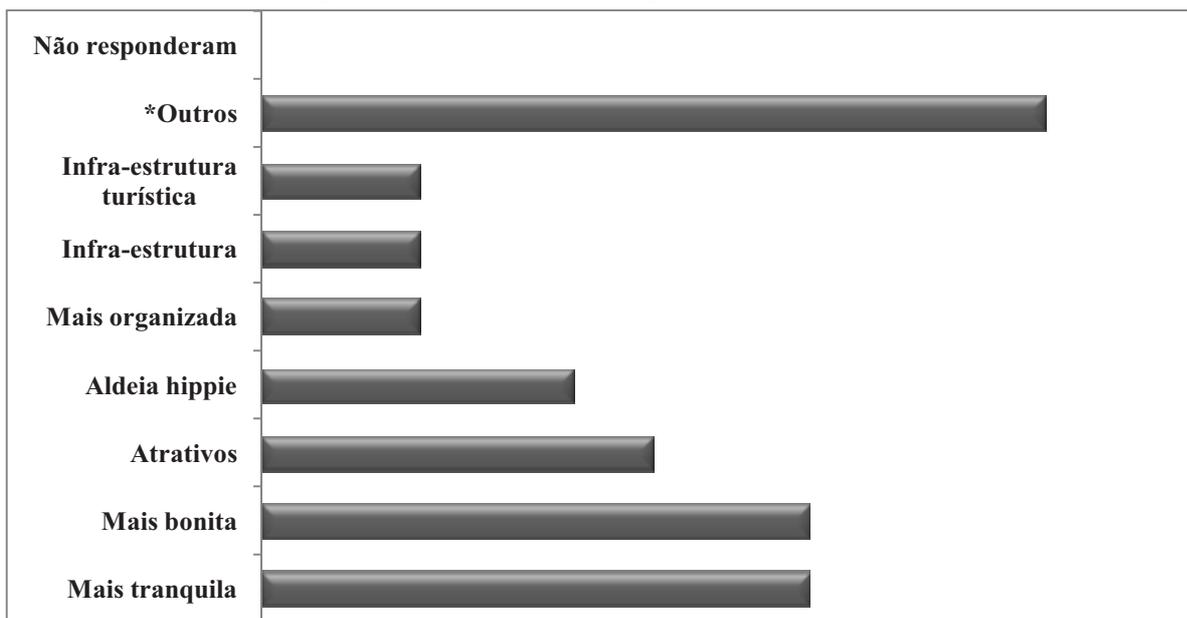
Apesar de se situarem na Linha Verde e fazerem parte do mesmo ecossistema do Litoral Norte, e serem pontuadas igualmente pelas belezas e tranqüilidade de suas praias, nenhuma delas se encontra nos limites institucionais do Município de Camaçari. Este fato denota o desconhecimento desses limites por parte da população pesquisada.

A população confunde a dimensão institucional do território, no entanto, o que mais importa nessa questão é salientar o entendimento das pessoas de que o litoral é um ecossistema único e não fragmentado.

Figura 52: Por que Guarajuba é o melhor local?

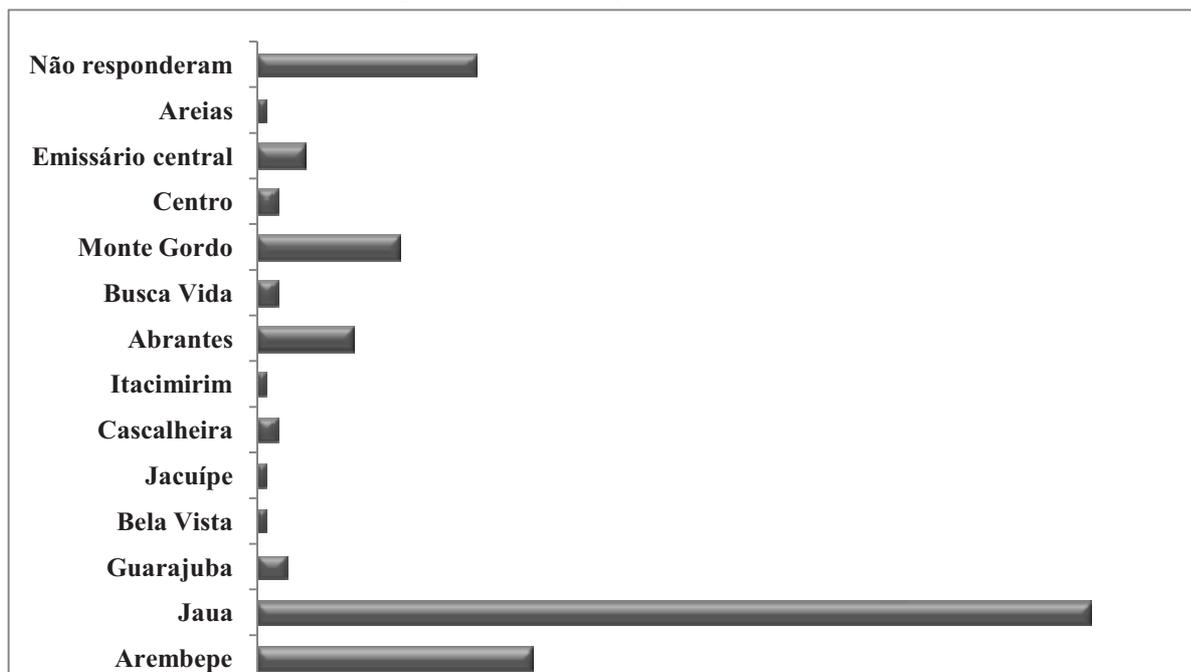


Fonte: Pesquisa direta, Camaçari, 2004-2007.

Figura 53: Por que Arembepe é o melhor local?

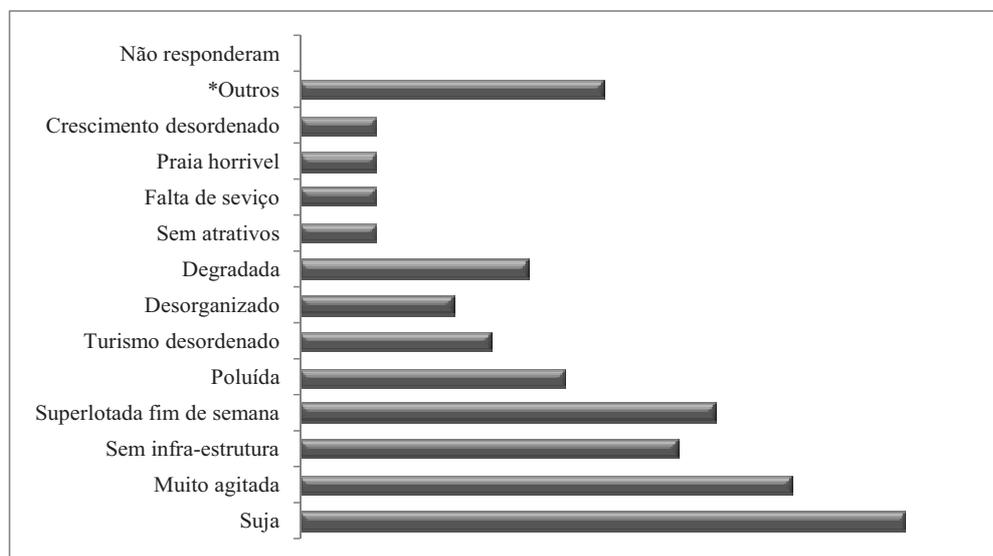
* Outros Motivos – Natureza, mar, comunidade residente, aconchegante, agradável, próximo à lagoa, mais desenvolvida, divulgação forte, animada, acessível. Esses motivos foram considerados inexpressivos para a contagem geral da amostragem intencional de cada localidade
Fonte: Pesquisa direta, Camaçari, 2004-2007.

A escolha do pior lugar da orla de Camaçari incidiu em Jauá, seguido de Arembepe (Fig. 54 e 55).

Figura 54: Qual o pior local da orla?

Outros Motivos – Natureza, mar, comunidade residente, aconchegante, agradável, próximo à lagoa, mais desenvolvida, divulgação forte, animada, acessível. Esses motivos foram considerados inexpressivos para a contagem geral da amostragem intencional de cada localidade
Fonte: Pesquisa direta, Camaçari, 2004-2007

Figura 55: Por que Jauá é o pior lugar da orla?

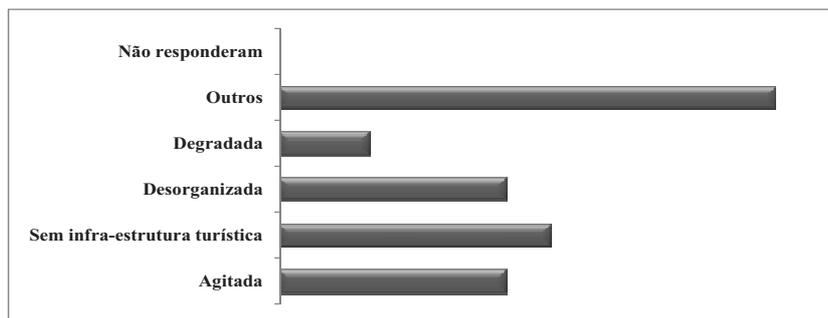


Outros Motivos – Natureza, mar, comunidade residente, aconchegante, aprazível, próximo à lagoa, mais desenvolvida, divulgação forte, animada, acessível. Esses motivos foram considerados inexpressivos para a contagem geral da amostragem intencional de cada localidade

Fonte: Pesquisa direta, Camaçari, 2004-2007

A escolha de Jauá como a pior praia da orla, dentre todas, pelos motivos de *sujeira, agitação e superlotação nos fins de semana*, além da *poluição e falta de infra-estrutura* demonstra a necessidade, por parte da população, de serviços de infra-estrutura e mecanismos de controle do uso e ocupação do solo e fiscalização de atividades de impacto ambiental (Fig. 55).

Em segundo lugar, foi eleita Arembepe, com percentuais menores de desaprovação, mas por motivos similares (Fig. 56). Tem-se um paradoxo, pois Arembepe tinha sido escolhida como a mais freqüentada pela tranquilidade. Entretanto Jauá, com densidade populacional elevada, nos fins de semana, pela facilidade de acesso, também é muito freqüentada pela população de mais baixa renda, ocasionando colapso da infra-estrutura existente e desorganização nos sistemas de abastecimento, coleta de lixo, transporte público e conforto do cidadão.

Figura 56: Por que Arembepe é o pior local?

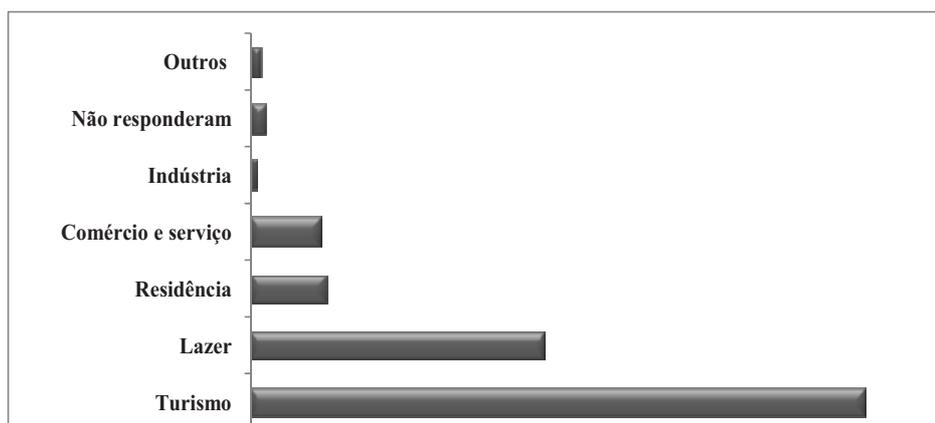
*Outros Motivos – não existe hospitalidade, sem preservação, pouca conscientização, suja, pedras, “não existe”, não gosta, mais caro, acesso difícil, muito ocupada, sem saneamento básico. Esses motivos foram considerados inexpressivos para a contagem geral da amostragem intencional de cada localidade.

Fonte: Pesquisa direta, Camaçari, 2004-2007.

O paradoxo consiste na constatação de que, do mesmo modo que as praias de Jauá e Arembepe são eleitas como atraentes pela sua paisagem natural e proximidade para destino de lazer e entretenimento do cidadão no fim de semana, elas também sofrem, por causa deste mesmo cidadão, a destruição do seu habitat. A própria população que a frequenta, suja, degrada, polui e superlota seu ambiente de lazer preferido.

5.1.7 Vocação principal da orla

Pergunta 16 (Fig. 57) – Em sua opinião, qual a voca o principal da orla de Camaçari?

Figura 57: Qual a voca o principal da orla de Camaçari?

Fonte: Pesquisa direta, Camaçari, 2004-2007.

Na opinião da maioria dos entrevistados, ou seja, para 56% das pessoas, a vocação da orla de Camaçari é a atividade turística. Em segundo lugar, com 27% das respostas, vem o lazer e, em terceiro lugar, com 7%, a vocação da orla é para residência, com praticamente o mesmo percentual para comércio e serviços. A resposta de que a vocação da orla seria para atividade industrial não é, de maneira alguma, significativa. Constata-se, portanto, com esta pesquisa, a confirmação de que a vocação da orla de Camaçari é para as atividades turísticas e para o lazer, de acordo com a opinião da sua população.

Responde-se, assim, a hipótese pessimista levantada de que *a orla não será mais um lugar paradisíaco*, e em seguida questiona-se: *qual é a orla de Camaçari que se quer?* Para que esta orla continue com esta vocação, deve-se lembrar da fábula evocada por Sylvio Silva (1996, p. 129), que “não se pode matar a galinha dos ovos de ouro”.

Destaca-se como importante constatação nessa pesquisa o tipo de ocupação nos fins de semana – o lazer nas praias -, que difere do cotidiano dos moradores e extrapola a capacidade de carga de qualquer ecossistema, trazendo stress para a população residente.

5.1.8 Reivindicações e sugestões – *proposições*

A última pergunta, de número 17, da enquête foi do tipo *aberta* e possibilitou registrar as reivindicações e sugestões da população mostradas no Quadro 39.

No Quadro 40, algumas sugestões dos entrevistados, não localizadas, territorialmente, mas que contribuem para avaliação dos indicadores de sustentabilidade urbana, e o desejo da população.

Quadro 39: Sugestões e reivindicações dos entrevistados na Pesquisa II – vocação turística da orla do Município de Camaçari

REIVINDICAÇÕES E SUGESTÕES	Distrito de Abrantes	Distrito de Monte Gordo	Identificação da temática	Dimensões de Sustentabilidade
Saneamento básico		X	Saneamento	Político /econômico
Planejamento Urbano		X	Planejamento	Político / institucional
Recuperação das Áreas Degradadas.		X	Infra-estrutura	Político /econômico
Preservação legal de áreas verdes, ecossistemas marinhos (RPPN/ Parques, etc.) em todas as localidades e condomínios.		X	Ambiental	Político / institucional
Universidade, Cursos profissionalizantes		X	Educação	Político /institucional
Saúde de emergência		X	Saúde	Político /institucional
Posto local de reclamações		X	Gestão local	Político /institucional
Melhorias das escolas		X	Educação	Político /institucional
Mais trabalhos para as jovens		X	Emprego e renda	Político /institucional
Cursos gratuitos		X	Educação	Político /institucional/ social
Iluminação pública		X	Infra-estrutura	Político /econômico
Asfalto nas ruas		X	Infra-estrutura	Político /econômico
Melhor infra-estrutura para turismo	X		Gestão do Turismo	Político /econômico
Planejamento turístico para melhorar Arempebe. Equipamentos necessários para nos ajudar em nossas pesquisas turísticas.	X		Gestão do Turismo	Político /econômico
Desatenção dos órgãos públicos para a comunidade de Arempebe.	X		Gestão local	Político /institucional/ social
Creche, praça, parque para brincar. Uma melhora na infra-estrutura básica e turística na localidade de Arempebe.	X		Infra-estrutura	Político /econômico / social
Educação aos moradores para receberem turistas.	X		Gestão local	Político /institucional/ social

Fonte: Pesquisa direta, Camaçari, 2004-2007.

Quadro 40: Sugestões e reivindicações dos entrevistados - não localizadas territorialmente na área de estudo

Sugestões	Identificação da temática	Dimensões de Sustentabilidade
O acesso de Dias D'Ávila à orla de Camaçari é muito precário.	Acessibilidade	Territorial / Econômico
Questão 15: melhor e pior lugar da orla de Camaçari a resposta de que é relativo, pois quando você conhece um lugar você passa o gostar.	Identidade cultural	Cultural / Social
Questão 15: não acho que tenha um lugar na orla melhor ou pior, mas o que falta em alguns locais é o cuidado ambiental por parte dos moradores.	Preservação ambiental	Ecológica
Que seja disponibilizado o resultado da entrevista.	Informação	Tecnológica
Parabéns!	Satisfação do usuário	Social
Desinteresse da comunidade para a preservação dos costumes culturais.	Educação ambiental	Cultural / Social
Sem informação.	Perfil social	Tecnológica, social, cultural
Falta de conhecimento	Perfil educacional	Tecnológica
Falta de uma consciência ambiental	Educação ambiental	Cultural Social
Conflitos sociais.	Lógicas diferentes	Social cultural, econômico, político
Melhoria do transporte público, segurança e saneamento básico.	Infra-estrutura	Político, econômico
Em geral, tem muito a fazer na orla de Camaçari, mas, com certeza isso mudará.	Infra-estrutura	Político, econômico
A criação de grupos de consciência ambiental para a educação desde crianças a adultos, para uma preservação do local (Costa de Coqueiros) para o tempo futuro de outras gerações.	Educação ambiental	Cultural Social
Conservar mais as praias que estão poluídas e sujas. As pessoas deveriam zelar mais pelos bens naturais que estão cada dia a mais se deteriorando e com isso os impactos ambientais estão crescendo cada vez mais negativamente.	Educação ambiental	Cultural Social
Que os grandes empreendimentos respeitem o meio ambiente, as leis em vigor, o morador das localidades e sejam realmente justas quando se falar em desenvolvimento sustentável.	Legislação ambiental	Político, econômico
Melhora em educação e oportunidade para empregos.	Qualificação profissional	Político, econômico,
É necessário que as praias mais movimentadas e que recebem um grande fluxo turístico estejam como uma boa infra-estrutura de apoio, para dar um suporte maior aos visitantes.	Infra-estrutura	Político, econômico,
A realização de trabalho conjunto (comunidade e governo).	Parcerias e pactos sociais e institucionais	Política, social, institucional
Formação de conselho de turismo	Gestão do Turismo	Institucional, política, social

Fonte: Pesquisa direta, Camaçari, 2004-2007.

A comunidade entrevistada manifesta-se de muitos modos. Selecionaram-se algumas opiniões de entrevistados, a seguir expostas:

A orla precisa urgentemente de educação, cursos, universidades. A prefeitura precisa enxergar que a orla também tem jovens para estudar tem que se deslocar até a sede. Precisa também de um serviço de saúde para atendimento de emergência em Monte Gordo.

A prefeitura deve olhar mais pra orla, principalmente Monte Gordo que precisa de várias melhorias.

Gostaria que a prefeitura de Camaçari enviasse um fiscal para olhar as necessidades dos bairros. Se eu for apontar demoraria em terminar a pesquisa.

Gostaria que a prefeitura enviasse um fiscal para cada bairro da orla de Camaçari para se verificar a degradação em que vive a população, é lamentável que uma cidade tão rica tenha seu povo largado as moscas.

Que Arempebe seja mais bem planejada e gerida pelos órgãos municipal e estadual. Buscando a valorização dos recursos natural e cultural dessa localidade. Apoiando os projetos para o desenvolvimento da comunidade, ministrando palestras de preservação ecológica e conscientização.

Porém deixo aqui minha insatisfação concernente ao fato de que o poder econômico estar transformando a orla num parque residencial. Isso tem que parar! Precisa de uma lei mais rígida, tanto para pessoa jurídica, como para a física. O poder executivo precisa atuar de forma sustentável e responsável.

A orla de Camaçari apresenta grande potencial turístico que deveria ser bem aproveitado.

Poderia investir mais no turismo da região.

5.1.9 Conclusões da pesquisa sobre a vocação turística da orla do Município de Camaçari

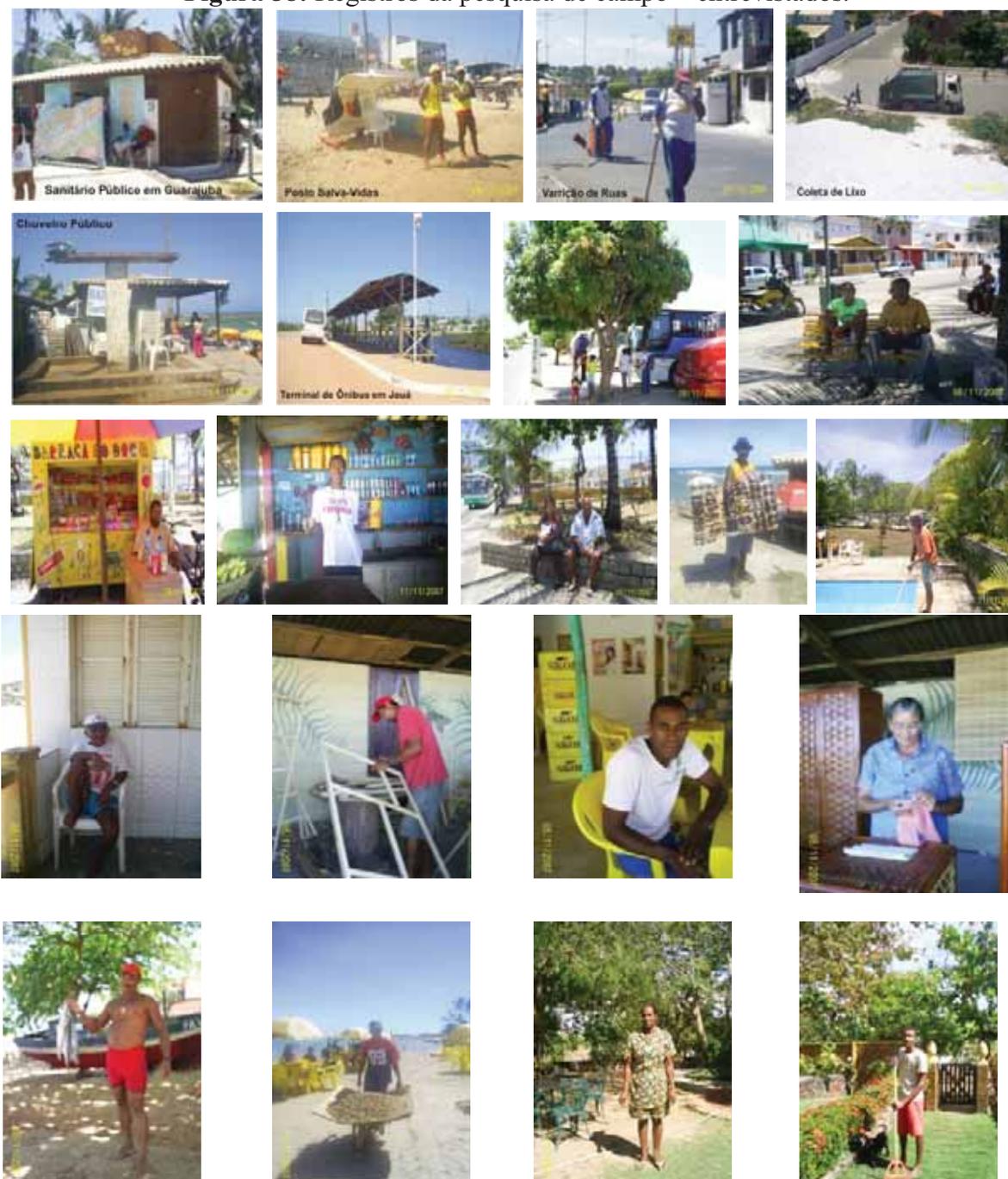
A pesquisa foi realizada no período de 2004 a 2007, através de questionários aplicados aos usuários, veranistas, turistas e moradores que freqüentam o litoral do Município de Camaçari.

Estas pessoas, na sua maioria, são do gênero feminino, e adulto na faixa de 19 a 55 anos, possuem nível médio de escolaridade, e pertencem à classe socioeconômica C, de acordo com o Critério Brasil de Classificação Socioeconômica, ou seja, possuem renda média familiar entre R\$ 900,00 e R\$ 1.500,00, aproximadamente⁶. De acordo com os dados verificados na pesquisa de opinião, dentre os entrevistados, o maior percentual foi de jovens entre 19 e 25

⁶ Equivalente a faixa de E\$ 334 a E\$ 550 e U\$ 459 e U\$ 750, em valores do câmbio de maio de 2007.

anos com perfil socioeconômico de classe média baixa e baixa. A figura 58 registra as diversas atividades dos entrevistados no seu cotidiano.

Figura 58: Registros da pesquisa de campo – entrevistados.



Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Camaçari, 2007.

A partir da definição do perfil socioeconômico, predominante, dos frequentadores da orla do Município, e considerando as características típicas dos cidadãos da classe média brasileira

nordestina identificam-se os hábitos de consumo e lazer dessa comunidade, que são, predominantemente, de lazer de sol e praia como opção de entretenimento e descanso de fim de semana. Constata-se, então, que a praia é uma importante opção de prazer e de relaxamento para a população e, em certos casos, a única, em função da gratuidade de acesso.

Quanto à qualificação do usuário, a pesquisa constatou que a maioria dos entrevistados são moradores do Município – percentual de 48% –, seguido de pessoas que se consideram usuários da orla da Camaçari. Uma parcela menor é de veranistas, sendo que na categoria de usuário, o entendimento do entrevistado foi abrangente, podendo ser enquadrado, quando estivesse concomitantemente em outras categorias ou estivesse com dúvidas onde se enquadrar.

A atividade principal da grande maioria dos entrevistados foi estudo ou trabalho, na hora da entrevista, posto que, são moradores do Município. Um terço frequenta a praia nos fins de semana, outro terço, frequenta diariamente, visto que são pessoas que trabalham na orla ou estão de férias e em veraneio.

Os entrevistados traçaram os cenários de passado, atual, futuro e desejado, respondendo que a orla encontra-se atualmente *muito ocupada, agitada, degradada, e perto*, o oposto de 30 anos atrás, apesar de ainda continuar *linda, agradável e tranqüila*. De acordo com as respostas tabuladas, a maioria não sabe como era a orla nos anos 70. Esse padrão de respostas resulta do fato da maioria dos entrevistados ser de jovens, abaixo de 30 anos, portanto, não tinham vivência ou informações. Entretanto, a maioria respondeu que a região deveria ter sido *tranqüila, agradável, pouco ocupada, linda e longe*.

Em termos de tranqüilidade, observa-se certa discrepância, pois, para uns, ela é agitada, e, para outros, é tranqüila também. Estas incongruências, que aparecem algumas vezes ao longo da pesquisa de opinião, ocorrem em decorrência da diversidade de localidades existentes, na região litorânea, e de motivações variadas dos usuários. Verifica-se, portanto, que pela opinião da população usuária, a orla mudou muito nesses 30 anos, principalmente nas suas condições de *ocupação do solo, acessibilidade e impactos ambientais*.

No que tange as características de vocação para lazer e turismo, ela permanece atrativa, pois ainda é *linda, aprazível e tranqüila*.

O cenário tendencial, para a maioria da população entrevistada, para os próximos 20 anos, é de uma orla *muito ocupada, degradada, agitada*. Observa-se que, nesta pergunta, as pessoas inserem a variável *feia*, com pontuação alta e bem próxima à opinião de que ela será linda. Percebe-se, nos cenários projetados pela população, a preocupação estética com a paisagem futura, e um tipo de ocupação e uso do solo de grande densidade.

Pela perspectiva do desejo da população, expresso nessa questão, observa-se que as pessoas almejam uma orla principalmente *linda, aprazível e tranqüila*, além de *perto e pouco ocupada*, demonstrando sua vontade, diferentemente, da preocupação com a inexorabilidade da previsão pessimista, de degradação e urbanização acelerada também constatada.

É nessa parte da pesquisa, que se responde a hipótese levantada, de que a orla de Camaçari, não será mais um lugar paradisíaco, se continuar com o mesmo processo de urbanização acelerada.

A partir da formulação da pergunta *Qual é a orla de Camaçari que queremos?* A população entrevistada demonstra o desejo de continuar a habitar uma região aprazível e tranqüila, com todos seus atrativos naturais, e qualidade urbana ambiental necessária ao desenvolvimento sustentável das atividades de turismo, lazer e entretenimento.

Tendo em vista a expectativa da população de ter uma orla voltada ao lazer do cidadão, e da constatação de que a população condena a degradação e a densificação de seu território, inferem-se cenários prospectivos de uma *orla preservada nos seus ecossistemas e pouco impactada pelas atividades de turismo e serviços a serem implantados*.

Conforme as necessidades de serviços identificadas na pesquisa, 83% gostariam de encontrar outros serviços na orla, como um todo, além dos que já existem, e 78% gostariam de encontrá-los, especificamente, no local da enquête. Quanto ao tipo de serviços, que as pessoas entrevistadas, desejam encontrar na orla de Camaçari, foram observados, os itens de apoio à

atividade residencial e a atividade turística, como feira - abastecimento alimentar - seguido de serviços de apoio ao turismo - necessidade de melhoria da infra-estrutura turística.

Identificada a necessidade de instalação de agência bancária e de universidade, demonstrando a vontade de aprimoramento acadêmico. Quanto aos outros itens, foram estatisticamente equilibrados, sendo necessários serviços ligados às atividades turísticas e residenciais.

Arembepe foi escolhida, pelos entrevistados, como a praia *mais freqüentada, mais perto, mais bonita e mais tranqüila*. Guarajuba foi escolhida em segundo lugar por ser a praia *mais bonita*. E Jauá foi escolhida, com grande percentual - em terceiro lugar - pelo fato de ser *mais perto*, visto que, o acesso é mais fácil para a maioria dos entrevistados, que são moradores da sede municipal.

De fato, a menor distância para acesso ao litoral, é para a praia de Jauá, além de não ser susceptível à cobrança da taxa de pedágio, e ser bem servida por linhas diretas de transporte coletivo. Percentuais menores e equilibrados foram identificados, para as opiniões, de que ela é *mais tranqüila, mais econômica e mais bonita*. Aparecendo aqui a condição de acessibilidade ligada ao fator econômico e aos aspectos paisagísticos.

Quanto à motivação da freqüência às praias da orla, observou-se que Arembepe foi escolhida por ser também *perto, mais bonita e mais tranqüila*, nesta ordem respectivamente. A segunda praia, mais freqüentada, foi Jauá, por ser também *mais perto*, além de *ser bonita, tranqüila e econômica*.

Destaca-se aqui a valorização do fator econômico e de acessibilidade condicionando a escolha da população pelo seu perfil socioeconômico - classe C. No caso de Guarajuba, contou o item beleza paisagística, principalmente. Quanto às outras praias mencionadas, como Jacuipe e Itacimirim, foram escolhidas pelo aspecto da *tranqüilidade e beleza natural*.

Na questão da valorização dos lugares, a pergunta foi elaborada no sentido de confirmar a opção da escolha da praia. Obteve-se a eleição de Guarajuba como a melhor praia pela sua *estruturação e organização*, além da *limpeza e beleza*, demonstrando aqui, a importância que

a população dá à infra-estrutura e aos serviços urbanos. Nesse caso, da escolha da melhor praia, Arembepe passa para segundo lugar, sendo valorizada pela sua *tranqüilidade e beleza*.

As localidades de Barra do Pojuca, Busca Vida, e Monte Gordo foram pontuadas e a motivação foi pela *tranqüilidade* em todas as três, aparecendo ainda a *beleza* de Barra do Pojuca, a *infra-estrutura* em Busca Vida e hospedagem em Monte Gordo. A praia do Emissário se destaca pela *tranqüilidade*.

A escolha de Jauá, como a pior praia da orla, dentre todas, pelos motivos: *sujeira, agitação e superlotação* nos fins de semana, além da *poluição* e falta de *infra-estrutura*, demonstram a necessidade, por parte da população, de serviços de infra-estrutura e mecanismos de controle do uso e ocupação do solo, e fiscalização de atividades de impacto ambiental.

Em segundo lugar, foi eleita Arembepe, com percentuais menores de desaprovação, mas por motivos similares. Aqui se tem um paradoxo, pois Arembepe tinha sido escolhida como a mais freqüentada, pela *tranqüilidade e beleza* e, ao mesmo tempo, escolhida, em segundo lugar, como a pior praia, pela falta de *infra-estrutura* turística e *alta densidade*.

Entretanto, Jauá, pela facilidade de acesso, também é muito freqüentada pela população de mais baixa renda, com densidades elevadas, nos fins de semana, ocasionando colapso da infra-estrutura existente e desorganização nos sistemas de abastecimento, coleta de lixo, transporte público e conforto do cidadão.

O paradoxo consiste em constatar que, do mesmo modo, que as praias de Jauá e Arembepe são eleitas, como atraentes pela sua paisagem natural, e proximidade para destino de lazer e entretenimento do cidadão, no fim de semana, elas também sofrem, por causa deste mesmo cidadão, que destrói seu habitat. A população residente suja, degrada, polui e superlota seu ambiente de lazer preferido.

Constata-se, por conseguinte, que a população quer sua orla preservada, nas suas condições naturais, com suas belezas e lindas paisagens, sem danos ambientais e impactos negativos nos seus ecossistemas, apesar de querer usufruir suas praias e atributos paisagísticos, com infra-estrutura moderna de apoio às atividades turísticas e de veraneio de forma ordenada, com

respeito ao ambiente natural e disciplinamento do uso, ocupação e ordenamento do solo urbano. Depreende-se também, por meio da pesquisa, que a população quer sua orla tranqüila, ou seja, pouco densa, com limite de atividades e frequência controlada, em certos locais, respeitando a capacidade de carga de cada ecossistema.

Na opinião da maioria dos entrevistados, ou seja, para 56% deles, a vocação da orla de Camaçari é para a atividade turística, em segundo lugar, com 27%, para o lazer. E, em terceiro, com 7%, para residência, com praticamente o mesmo percentual, para comércio e serviços. A resposta de que a vocação da orla seria para atividade industrial não é de maneira alguma considerada. A seguir alguns registros de degradação e preservação encontradas na pesquisa de campo (Fig. 59).

Conclui-se, portanto, com esta pesquisa, e se confirma a vocação da orla de Camaçari, para as atividades turísticas e de lazer para a sua população. A orla de Camaçari que se quer para turismo e lazer, no entanto, não se viabilizará caso continue com este modelo de ocupação insustentável e degradador do ambiente.

A hipótese 1 desta tese se confirma porque *a continuar nesse ritmo, e modelo de urbanização, a orla de Camaçari não será mais um lugar paradisíaco*. Os registros da degradação e a preservação encontrada configuram os cenários tendenciais construtivos e destrutivos que ocorrem simultaneamente na região estudada.

Figura 59: Registros da preservação e da degradação da orla de Camaçari



Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora. Camaçari, 2007.

5.2 CLIMA COMO FATOR DE ATRAÇÃO TURÍSTICA DOS LUGARES

A importância do turismo, no mundo, tem crescido de forma muito expressiva, e esta atividade tem ocupado lugar de destaque na imprensa e nos meios acadêmicos, além de possuir fortes indicativos de tornar-se uma das principais atividades, no setor econômico nas próximas décadas.

Por outro lado, o conhecimento das condições climatológicas e meteorológicas das áreas urbanas deve ter cada vez mais repercussão no desenvolvimento das atividades humanas. Sobretudo, nas áreas turísticas, tem sido de grande importância esta abordagem da percepção e do comportamento dos turistas diante das alterações do clima e do tempo.

Segundo informações dos órgãos oficiais de turismo, a importância assumida pelo mercado de viagens e turismo para a economia mundial, com milhões de pessoas viajando, consumindo e promovendo a distribuição de bens e serviços, por todo o planeta, coloca este mercado numa posição de liderança no comércio internacional. Representa uma parcela significativa da geração e circulação da riqueza transacionada no mercado global. A Região Metropolitana de Salvador, na qual o litoral do Município de Camaçari se insere, recebe turistas do mundo todo, o ano inteiro.

Para o turismo receptivo da Bahia, de Camaçari e da RMS, o clima é um grande fator de atração e permanência dos visitantes, visto que, se estimula a venda do produto turístico através do marketing dos *3s*: *sand*, *sun* e *salt*. Portanto, o que se vende de fato é um bem intangível - *a paisagem, o ambiente, o clima*.

A teoria dos *3s* é o apelo de vendas mais utilizado na folheteria pesquisada e distribuída na região estudada, tanto a dos órgãos oficiais, como a das agências de viagens. Ela explora e tira partido do jogo de palavras em inglês: *sand* que significa areia, portanto praia; *salt* que significa sal, portanto o mar; e *sun* que significa sol, portanto calor; o que se propõe é a venda do produto turístico sempre acoplado com o atrativo ambiental, o paraíso, a beleza das paisagens, o mar, o sol, logo, o clima. Há outro *s* – *sex* –, que não é explicitado, mas, infelizmente, é uma realidade, a do turismo sexual, que só foi recentemente, reconhecida, sendo combatida no Brasil.

Observa-se, nesse caso, como o clima e o *tempo* afetam o comportamento das pessoas, e principalmente dos visitantes em viagens turísticas, e que as alterações e conseqüências climáticas e meteorológicas são fatores de atratividade turística.

Realizou-se uma pesquisa direta, através de entrevistas, *in loco*, no mês de agosto de 2001⁷, em hotéis de grande movimentação turística, na RMS. Ressalta-se o fato de que a Região Nordeste, onde Camaçari se insere, possui a mesma identidade climática, em todo seu litoral, assim como as influências dos ventos dominantes e marés, que interferem nas condições meteorológicas.

5.2.1 Clima da Região Nordeste e do litoral de Camaçari

Levando-se em conta o regime de chuvas, encontra-se sobre o Nordeste – NE – do Brasil, uma alta variedade climática. Pode-se verificar desde o clima semi-árido no interior da Região, com precipitação acumulada inferior a 500 mm/ano, até o clima chuvoso, observado principalmente na costa leste, com precipitação acumulada anual superior a 1500 mm.

A Região Nordeste possui uma grande homogeneidade sazonal e espacial da temperatura. Somente no sul da Bahia é verificada uma maior variabilidade sazonal da temperatura, em função da penetração das massas relativamente frias nos meses de inverno.

Diferentes regimes de chuvas são identificados no NE. No norte da Região, a estação chuvosa principal é de março a maio, no sul e sudeste as chuvas ocorrem principalmente durante o período de dezembro a fevereiro e no leste a estação chuvosa é de maio à julho. A principal estação chuvosa do NE, incluindo o norte e leste da Região, que explica 60% da chuva anual, é de abril a julho e a estação seca, na maior parte, ocorre de setembro a dezembro.

Outro fator, importante, que deve ser considerado é a variação sazonal dos ventos na costa, que é relacionada à posição da alta pressão subtropical do Atlântico Sul. O estudo dos ventos sobre o Atlântico Sul mostram que os ventos na costa do nordeste são de leste/nordeste no começo do ano, e de sudeste durante o período de abril a julho, o que coincide com a época chuvosa no leste da Região. Assim, durante a estação chuvosa de outono/inverno sobre o leste do NE, os ventos sopram perpendiculares à costa, de sudeste.

⁷ Esta pesquisa teve o duplo objetivo de subsidiar o trabalho de investigação científica, aqui apresentado, cujo foco principal é a vocação para o turismo desta região. Intentou-se apresentar um trabalho disciplinar de Clima, Meio Ambiente e Desenvolvimento, dentro do curso de Doutorado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Regional, ministrado pelo Prof. Dr. Javier Martin Vide, durante o ano de 2001, na cidade do Salvador, no Estado da Bahia, por ocasião do convênio firmado entre as Universidades de Barcelona e UNIFACS. O questionário padrão aplicado encontra-se no Apêndice F.

Estes ventos parecem favorecer a ocorrência da zona de convergência noturna associada à brisa terrestre. Percebe-se que, tradicionalmente, o mês de agosto é o mais frio do ano, sendo o mês escolhido para a realização das entrevistas, para a Pesquisa sobre Clima e Turismo. Na faixa litorânea da RMS, a taxa de insolação anual é mais alta que a maioria das regiões brasileiras do sul do País, atingindo índices bastante privilegiados para as atividades de turismo e lazer de praia, considerando-se o clima um forte atrator para o desenvolvimento turístico da Região.

5.2.2 O clima e o turismo no entorno do litoral do Município de Camaçari – a Região Metropolitana de Salvador

Realizou-se um levantamento junto aos meios de hospedagem de turistas na RMS, durante o mês de agosto de 2001, um mês com bastante chuva e vento. A metodologia utilizada foi a da entrevista direta com o turista, por meio de respostas ao questionário, aplicado pessoalmente pela pesquisadora e expostos aqui de forma sucinta seus resultados.

O exame do comportamento, diante das condições climáticas e meteorológicas, do grupo de turistas, que viaja para lazer não importando a nacionalidade, o grau de instrução ou a procedência, mostra que é muito importante o clima para a sua satisfação. Quando chove, as expectativas de lazer e aproveitamento da viagem são frustradas, desdobrando-se em uma série de problemas para todas as pessoas que trabalham e estão envolvidos de alguma forma com a economia do turismo.

Entretanto, o turismo de negócios é indiferente ao clima, tanto faz chover como o sol aparecer com intensidade, o turista está envolvido em outro contexto, e não tem expectativas sobre o clima.

Ao passo que o turista que vem a lazer, principalmente atraídos pelos encantos das praias e do sol intenso, que não aparece nesta época do ano, vê frustradas suas pretensões. Essa situação leva a reflexão sobre a necessidade de um maior esclarecimento das pessoas envolvidas na recepção dos turistas, das cidades turísticas e de acolhimento de veranistas e usuários da RMS, para melhor atender diante da sazonalidade nos meses ditos *invernosos*.

As entrevistas foram todas realizadas no mês de agosto de 2001, um mês tradicionalmente chuvoso e frio, para os padrões climáticos baianos. Constatou-se durante a pesquisa, a decepção de muitos turistas, diante das dificuldades do clima adverso aos passeios contratados, quais sejam todos dependentes de clima bom.

A pesquisa realizada sobre *o clima como atrativo turístico*, leva a uma necessária e séria reflexão sobre as perspectivas e tendências do litoral da RMS, para as atividades de turismo e lazer ao longo do ano, como atividade econômica principal para o desenvolvimento local através do turismo litorâneo – de praia.

Esta ponderação aponta para a indicação de alternativas de apoio às atividades turísticas e de lazer, durante os meses de chuva, que não estejam direcionadas somente para o turismo de praia. A pesquisa e o envolvimento dos segmentos privado, público e social, comprometidos com o desenvolvimento regional, é fundamental para afinar as estratégias de planejamento e gestão do turismo no litoral metropolitano.

Nesse contexto, a decisão dos consumidores /turistas na escolha do destino turístico passa, necessariamente, pelo viés do clima, como atrativo turístico. Suas preferências, diante da competitividade de outros destinos, na região e no mundo globalizado, devem ser atendidas. A satisfação dos seus desejos, caso não sejam devidamente atendidos, cria uma situação em que o turista sai insatisfeito e, o que é pior, não volta e divulga negativamente o *produto turístico*.

Algumas estratégias são possíveis de serem indicadas, para minimizar os efeitos do clima adverso, e continuar atrativo o destino turístico litorâneo. Exemplos disso seria a valorização das peculiaridades históricas e culturais, com a inclusão das comunidades tradicionais nos roteiros para turismo cultural e histórico, o fomento de práticas sustentáveis para o desenvolvimento do turismo sustentável na Região – ecoturismo, turismo de aventura, turismo náutico, turismo de segundas residências e o turismo de negócios.

Além da disseminação e incorporação dos princípios da Política Nacional de Educação Ambiental – Lei Federal No. 9.795/99 – nas redes de serviços locais, há a melhoria dos

serviços de acolhimento e apoio ao lazer e turismo, existindo parcerias entre o setor público e privado – PPP – para o desenvolvimento sustentável do turismo da região.

A expansão e consolidação do turismo no litoral de Camaçari devem ser consideradas, reforçando seu potencial de atração e competitividade, como espaço urbano-turístico, que não é só de praia o ano inteiro.

Configura-se, desse modo, o *cenário tendencial de desenvolvimento local com iniciativas parceiras para a gestão desse espaço urbano-turístico com estímulo às atividades do turismo e lazer sustentáveis*.

5.3 O LITORAL DO MUNICÍPIO DE CAMAÇARI COMO ATRATIVO TURÍSTICO

Civilizações estabelecidas nas proximidades do litoral descobriram os segredos marítimos para a saúde e alimentação dos seres humanos. A água marinha que cobre sete décimos do nosso planeta nos traz saúde e bem estar, nela encontram-se sais minerais e algas que proporcionam uma grande sensação de relaxamento e paz.

Em Camaçari, os costumes, até a década de 50, consistiam em terapias medicinais de banhos de águas minerais e lama, existentes na região, principalmente nas terras de Dias D'Ávila, que pertencia, até 1985, ao Município de Camaçari. O território possuía seu famoso balneário que atraía visitantes, de diversas cidades, do interior do estado baiano.

O Rio Camaçari possuía no seu leito uma lama magnesiada que era utilizada como terapia medicinal, através da *lamaterapia*, técnica terapêutica milenar ainda muito usada no mundo todo, haja vista a enorme visitação que recebe até os dias de hoje, e durante milênios de visitação turística e terapêutica, o lendário Mar Morto em Israel⁸.

As margens do Rio Camaçari, que já foi balneário até a década de 70, recebia turistas nacionais e estrangeiros, e hoje se encontra degradado por receber os esgotos da cidade de

⁸ O Mar Morto, em Israel, é um destino turístico milenar, que mantém sua atualidade e atrai grande fluxo turístico. Seu *banho de lama* é um exemplo de recurso natural preservado de grande valor turístico e medicinal, cuja lama é matéria prima para a produção de remédios, cosméticos e produtos para exportação para o mundo todo.

Camaçari. As águas minerais de Dias D'Ávila, captadas em poços artesianos, são atualmente destinadas ao engarrafamento e comercialização para consumo de água potável.

A partir das décadas passadas, o turismo de praia passou a ser o grande atrativo pela busca do sol, associado à saúde de um corpo bronzeado com apelo sensual. Esta valorização do clima, associado à tríade *mar/sol/praias*, é elemento de venda do produto turístico litorâneo. Os 4s – *see / sun / sand / sex* – transformaram o turismo brasileiro num fenômeno de vendas. O fluxo turístico gerado pelo setor é considerável, e os pacotes oferecidos com o produto Nordeste Brasileiro, ou Costa dos Coqueiros, incluem o Litoral de Camaçari.

O destino turístico em ambientes litorâneos tem sido muito procurado e massificado nas últimas décadas, ocasionando um processo de urbanização litorânea com degradação ambiental. Entretanto, atualmente, este modelo parece estar perdendo o encanto, em alguns lugares, pela saturação, poluição e massificação, como é o caso de algumas cidades nordestinas e em alguns trechos da orla de Camaçari.

Além disso, o maior apelo não tem sido pela utilização do sol e mar como busca de terapia e saúde integral, para o corpo e o espírito, mas como proposta de turismo sexual, para os quais os dados são alarmantes, no segmento da exploração do turismo infantil, principalmente o gênero feminino, no Nordeste Brasileiro, inclusive com abusos em crianças e adolescentes.

Os cenários tendenciais em curso no litoral municipal são conflitantes e representam diferentes lógicas de construção do território. Se, de um modo, configura-se o *cenário destrutivo / insustentável – com urbanização acelerada, degradação e poluição ambiental, turismo de massa e lazer intensivo* – de outro, tem-se o *cenário construtivo/sustentável – praias e ecossistemas preservados, poluição controlada, pacto de não agressão territorial e ambiental*.

A configuração de novos cenários para o turismo litorâneo pressupõe o cuidado para não perder a capacidade atratora, competindo com outros lugares mais preservados, não poluídos, silenciosos e paradisíacos, *matando a galinha dos ovos de ouro*. O ponto de partida para o desenvolvimento do turismo, na Região, são os novos pactos territoriais negociados entre os agentes intervenientes no espaço litorâneo de Camaçari e da zona costeira do nordeste baiano.

O diálogo entre as diversas lógicas em curso no território não prescindem da preservação ambiental e de políticas sociais justas. A dinâmica econômica considera o respeito à legislação urbana e ambiental para a sua expansão territorial.

5.3.1 Caracterização do turismo de praia no Litoral Norte da Bahia

A atividade de lazer mais acessível à maioria da população, nos municípios situados ao longo do Litoral Norte da Bahia, é a *praia*. O Litoral Norte da Bahia (Mapa 08) é composto pelo eixo rodoviário da Costa dos Coqueiros e a Linha Verde. A faixa litorânea de Salvador – capital baiana – possui 193 km.

A este vetor de expansão metropolitana estão associados a história, a cultura e a beleza natural das praias, rios e vegetação, valorizados pela marcante presença de belos e históricos fortes, além de igrejas, e outros pontos de relevante interesse cultural e histórico, localizados em sítios e paisagens privilegiadas. O estímulo à visitação desses marcos visuais tem sido promovido pelos órgãos governamentais, atraindo muitos turistas ao longo do ano, independente do clima.

Ao longo de toda orla oceânica de Salvador até Mangue Seco, na divisa com o estado de Sergipe, destaca-se a grande frequência de pessoas às praias, durante todo o ano, por moradores, turistas, usuários e veranistas.

O material de divulgação nacional e internacional encontrado tanto nos órgãos oficiais de turismo, como nas agências de viagens, incentiva sempre o turismo de mar e sol. Como se constata nos textos dos *folders*, elaborados pelos serviços de hospedagem e receptivo, distribuídos nos hotéis, ou nos pontos de apoio a serviços turísticos, ou mesmo os divulgados através da mídia virtual.

Da mesma forma, a ampla folheteria distribuída pelas agências de viagens valoriza preponderantemente o clima quente e o turismo de praia. Até mesmo os agentes imobiliários que vendem os loteamentos e condomínios, ao longo do Litoral Norte da Bahia, usam o apelo do clima quente e do acesso fácil ao mar para atrair compradores estrangeiros e nacionais para veraneio.

Percebe-se, nesses textos, que não há distinção das estações do ano, como se nunca se alterassem as condições meteorológicas e climáticas da região litorânea, ao longo dos meses, e de todo o ano.

Verifica-se também que a repetição dos termos como *praia* ou outros, relativos aos atrativos naturais, que dão a idéia de paraíso pronto para ser sempre desfrutado, repetem-se inúmeras vezes em todos os textos tanto de propaganda como aqueles de conteúdo técnico e institucional.

5.3.2 As praias da orla do Município de Camaçari como atrativo turístico

O litoral do Município de Camaçari é um lugar com muito sol, clima quente quase o ano inteiro, coqueiros, praias limpas de águas claras e belezas naturais. A temperatura média do mar é de 20°C e com boa visibilidade, permitindo condições excelentes para a pesca submarina e mergulho em alto mar e vários esportes aquáticos. O município possui uma orla com 42 km de extensão, desde a foz do Rio Joanes até a foz do Rio Pojuca, com várias praias de atrativos diversos, cada uma com sua especificidade de atributos paisagísticos.

As principais praias situadas na orla de Camaçari, e as mais freqüentadas, citadas nas pesquisas, são Busca Vida, Jauá, Interlagos, Arembepe, Barra do Jacuípe, Guarajuba e Itacimirim (ver Mapa 34).

A *Praia de Busca Vida* era uma antiga fazenda, cujo proprietário recebeu um amigo estrangeiro muito doente com uma moléstia gravíssima, quase irreversível. Após passar uma temporada nesta fazenda na beira do mar, com o agradável clima, suas águas límpidas, coqueiral, areias macias e toda a tranqüilidade e beleza características da Costa dos Coqueiros, o enfermo recuperou-se, voltando à vida, e a praia começou a se chamar *busca-vida*. O acesso público a esta praia é bem difícil e controlado por várias guaritas internas, já que a antiga fazenda transformou-se no Condomínio Busca Vida, um dos poucos condomínios fechados com loteamentos de alta renda do Litoral Norte.

A *Praia de Jauá* possui esta denominação por ter sua origem no nome de uma ave de rara beleza, chamada pelos indígenas de *Chauá*, da família dos psitacídeos, natural das regiões

tropicais e subtropicais, e que habita as florestas da região litorânea de Camaçari. Elas vivem em bandos e escava buracos em árvores, alimentando-se de frutos e grãos. O pássaro Jauá encontra-se hoje praticamente extinto. A praia de Jauá possibilita banho em piscinas naturais formadas por barreiras de recifes, como também permite nadar e pegar ondas. A colônia de pescadores é ativada pela pesca tradicional, e seus barcos são ancorados nas areias da praia.

A grande frequência, nos finais de semana, da população de baixa renda, residente tanto na sede do Município, como no entorno metropolitano, justifica-se pela facilidade de acesso direto, e oferta de transporte público à praia de Jauá. Existe ainda a possibilidade de isenção da taxa de pedágio na rodovia principal, que dá acesso a todas as praias da orla de Camaçari, a Estrada do Coco – BA/099 –, além das pistas alternativas que possibilitam o desvio da praça de pedágio.

A *Praia de Interlagos* de mar aberto com ondas fortes, próprias para surf, está situada entre dois lagos e separada por dunas e coqueiral. O acesso à praia é dificultado pela localização do condomínio fechado, Interlagos, que ocupa toda a linha de costa dessa praia, sendo considerada uma praia exclusiva dos moradores dos condomínios ali implantados.

A *Praia de Arembepe* originalmente era uma vila de pescadores e ainda hoje em grande atividade pesqueira. Suas peculiaridades naturais e paisagísticas atraem grande número de visitantes – veranistas e turistas. O banho nas águas tranqüilas do mar e as barracas de praia oferecem opções de lazer e entretenimento durante o ano todo. Os alimentos, oriundos da mariscagem e pesca nas lagoas e no mar, são oferecidos em grande quantidade, nos bares e restaurantes ali instalados.

A presença da Aldeia Hippie influenciou, benéficamente, a estética local com construções inspiradas no movimento alternativo, da década de 60, e a vida de moradores, que vivem de artesanato e utilizam materiais encontrados nos ecossistemas locais. Esta praia é local de desova e reprodução de tartarugas marinhas, localizando-se nela uma das bases do Projeto Tamar, cuja missão é salvar estes animais ameaçados de extinção. Encontram-se lugares de desova também na praia de Busca Vida.

Do mesmo modo que a praia de Jauá, o acesso à praia de Arembepe é facilitado pelo transporte público acessível a todas as camadas da população.

A *Praia da Barra do Jacuipe*, na língua dos índios tupis, significa *rio dos jacus*⁹. A foz do rio Jacuipe localiza-se nesta praia onde se encontra o Oceano Atlântico. A conformação geográfica do encontro do rio com o mar forma a Barra do Jacuipe, contornada por coqueirais e manguezais, proporcionando um cenário de grande beleza natural para lazer e turismo, além de possibilitar a pesca e esporte náutico no rio e no mar. Os manguezais são elementos importantes desse ecossistema, e além de estarem protegidos pela legislação ambiental, recebem apoio e proteção de entidades ambientalistas de preservação ali instalados.

A *Praia de Guarajuba*, cujo nome vem da língua indígena tupi, corresponde a *garça dourada*. O nome surgiu de uma referência às aves *douradas* que ficavam nas lagoas desse lugar. É a denominação também de um peixe. O primeiro condomínio construído no local, final da década de 60, recebeu este nome e consolidou-se ao longo do tempo, segundo Luciano Costa Reis (2006, p. 6), estudioso das histórias da região.

A *Praia de Itacimirim* equivale à pedra pequena, na língua indígena tupi. Antiga vila de pescadores configura um cenário paradisíaco pela paisagem formada pelo encontro do rio Pojuca, mar e manguezal. Suas águas calmas permitem receber velejadores, e barcos pesqueiros são ancorados na praia. A ocupação, de toda sua faixa litorânea, com loteamentos de segunda residência e barracas de praia, está sendo substituída por pousadas e hotéis. Sua beleza natural exuberante tem atraído grandes investimentos turísticos nos últimos anos, e a proximidade com o destino turístico de Praia do Forte, um Município vizinho, tem reforçado essa tendência para atração de *turismo residencial* e *pólo de hospedagem*.

5.3.3 O ecoturismo e o turismo de aventura no Município de Camaçari

O conceito de *ecoturismo* ou *turismo ecológico* é definido como sendo:

O segmento do turismo que viaja para áreas naturais relativamente virgens com o objetivo específico de admirar, estudar, desfrutar da viagem, de sua fauna e flora,

⁹ Nome comum a várias espécies de aves galiformes do gênero Penélope, família dos Gracídeos.

assim como dos aspectos culturais do passado e presente das zonas (CEBALLOS, 1992 apud VERA, 1997, p. 145).

O ecoturismo ou turismo ecológico só é possível em ambientes naturais em ecossistemas preservados e contrapõe-se ao turismo de massa geralmente agressivo, depredador e de grande impacto negativo no ambiente.

Geralmente, esse tipo de turismo desenvolve-se em ambientes afastados dos grandes centros urbanos, em destinos turísticos de difícil acesso. Na pesquisa realizada para esta tese, constatou-se que, na orla de Camaçari, existem muitas possibilidades para se desenvolver o ecoturismo e o turismo de aventura. (Quadro 41).

Aliado ao fator facilidade de acesso tem-se a infra-estrutura urbana da RMS e os serviços oferecidos, com a proximidade da capital do estado (30 km) e os equipamentos de transporte, como aeroporto (15 km), estação rodoviária, hospitais, shoppings, etc.

Este cenário possível para o desenvolvimento das atividades de ecoturismo na região pesquisada engendra um *Cenário de desenvolvimento sustentável de turismo ecológico*.

Outro aspecto importante na abordagem do ecoturismo, além da oferta dos atrativos paisagísticos naturais do destino turístico, é o tipo de turista que é atraído por essa modalidade de turismo. Alguns analistas referem-se ao aparecimento do *homo turisticus* (VERA, 1997, p. 123) como um novo tipo de turista que é mais interessado na valorização local, nos aspectos culturais e sociais das comunidades visitadas, em contraponto ao turista tradicional só interessado em turismo de sol e praia.

O desafio apresentado é investigar a contradição existente entre o tipo de desenvolvimento que se deseja para a Região. O processo de urbanização acelerada da orla de Camaçari está instalado de forma inexorável, e as grandes chances, ainda existentes, de desenvolvimento sustentável desse território, através do turismo ecológico, também se apresentam como viáveis no curto prazo.

A lógica de produção do espaço em cada processo desses é diferente, ou seja, o turismo ecológico pressupõe ambientes naturais preservados, e a urbanização não prescinde da

construção de infra-estrutura e equipamentos, ocupando o território de forma intensiva, com impactos negativos no ambiente natural.

Esta dicotomia exige uma tomada de decisão sobre o zoneamento proposto, e o uso e ocupação do solo existente e em andamento nas zonas costeiras brasileiras. A dialógica existente entre os dois processos em curso, no território analisado, configura por um lado, os *cenários tendenciais sustentáveis com desenvolvimento do turismo sustentável, lazer e entretenimento do litoral de Camaçari*, e, por outro lado, os *cenários tendenciais insustentáveis com o processo de urbanização sobre os ecossistemas frágeis do litoral de Camaçari*.

Quadro 41: Listagem com modalidades de turismo de aventura encontradas no Município de Camaçari.

TURISMO DE AVENTURA	LOCALIZAÇÃO	CARACTERÍSTICAS
Acampamento - Camping	Jorrinho, Areias, Arembepe, Jacuipe, Guarajuba, Monte Gordo, Itacimirim, Barra do Pojuca.	Forma econômica de hospedagem em ambientes naturais preservados.
Arvorismo, tirolesa	Barra do Pojuca – Lodo	Passeio entre as copas das árvores usando como instrumento uma corda de sisal.
Bodyboard,	Arembepe, Guarajuba e Itacimirim.	Dropar altas ondas em uma prancha bem menor e mais flexível que a do surf, proporcionando manobras radicais e muita adrenalina.
Bóia-Cross -Acquaraid	Rio Pojuca	Percorrer rios e corredeiras com bóias infláveis.
Canoagem,	Rios Capivara, Jacuipe e Pojuca	Navegação com habilidade em canoas e caiaques pelos rios
Ciclismo-mountain biking	Areias, Jorrinho, Arembepe, Monte Gordo e Barra do Pojuca.	Passeio de bicicleta adaptada a terrenos irregulares por roteiros pré-determinados.
Kitesurf,	Itacimirim e Guarajuba	Voar sobre a água puxada por uma pipa.
Mergulho,	Arembepe, Jauá, Guarajuba e Itacimirim.	Exploração do mundo submarino, mergulho contemplativo em águas transparentes com presença de recifes de corais e pesca submarina.
Observação de paisagem, fauna e flora (safári fotográfico),	Em todo ecossistema litorâneo	Observação de mirantes naturais e técnicas de interpretação ambiental com monitoramento de guias especializados.
Observação de pássaros (birdwatching),	Jorrinho, Monte Gordo, Jacuipe, Barra do Pojuca, Parque das Dunas de Abrantes.	Observar, identificar, estudar, escutar o canto dos pássaros.
Passeio eqüestre,	Zona rural e litorânea.	Cavalgadas organizadas e enduros e passeios eqüestres
Pesca amadora / esportiva,	Rios, lagoas e mar. Pesque-pague.	Esporte muito popular no Brasil e na região. Restrições a serem respeitadas na época da reprodução - defeso.
Rafting,	Barra do Pojuca no rio Pojuca	Descida de rio e corredeiras em botes de borracha
Trilhas, caminhadas travessias a pé ou de carro (hikking, trekking, off road)	Em todo ecossistema litorâneo	A depender do grau de dificuldade da caminhada e dos participantes é necessário roteiros definidos e equipamentos apropriados.
Wakeboard,	Arembepe, Guarajuba e Itacimirim.	Mistura de surf com <i>snowboard</i> , implica em muita adrenalina.
Waveski,	Arembepe, Guarajuba e Itacimirim.	Deslizar sobre as ondas com manobras radicais, sentado sobre a prancha.
Windsurf,	Praia de Itacimirim	Um pouco de surf e um pouco de vela

Fonte: Elaboração própria¹⁰ com dados de PADILHA, 2006.

¹⁰ Pesquisa resultante de trabalhos com os alunos na Disciplina de Gestão em Ecoturismo, ministrada pela pesquisadora, no CETEB – Camaçari, em 2005, e consulta ao Guia de Ecoturismo elaborado, em 2006, pelos alunos e coordenado pela Gestora das APAs do Rio Capivara e Lagoas de Guarajuba.

5.4 ESPAÇOS DE CONVIVÊNCIA DO LAZER CONTEMPORÂNEO E SUA EXPRESSÃO NO TERRITÓRIO PESQUISADO

O lazer, nas cidades nordestinas, possui interfaces com a estrutura urbana disponível. Ele é valorizado por sua cultura de matriz negra-africana, seu patrimônio histórico e ambiental, seu clima privilegiado, sua diversidade cultural, pluralismo musical e seus espaços abertos públicos naturais, como as praias, parques, lagoas e rios, e ainda, com seus equipamentos públicos de lazer urbano, como praças, avenidas e *barracas de praia*¹¹.

Observa-se que os hábitos de lazer do homem urbano contemporâneo modificaram-se intensamente, nos dias atuais, fruto da transformação da sociedade, e seu novo padrão tecnológico e de consumo. A partir das inovações tecnológicas, tornam-se cada dia mais acessível ao cidadão comum o contato com a televisão, o vídeo game e a internet, ganhando espaço um tipo de entretenimento e lazer individualizado, em detrimento da convivência pública e coletiva nos espaços abertos.

A crescente violência urbana, que atinge indiscriminadamente todas as classes sociais e ocorre nas cidades das regiões metropolitanas, assim como, nas cidades periféricas, também corrobora para a mudança de hábitos de lazer da população. As pessoas vivem assustadas, pois, a qualquer momento, pode-se sofrer um assalto ou receber uma bala perdida, ou mesmo ser vítima da violência do trânsito.

Estes fatos estimulam a recreação e o lazer, dentro de espaços fechados, como os condomínios fechados e centros comerciais, com programações de entretenimento e recreação, em detrimento do uso de espaços públicos abertos, valorizados pelo clima ameno, durante quase o ano todo. Com exceção da época das chuvas, pode-se desfrutar do lazer

¹¹ *Barraca de praia* é uma tipologia típica construtiva encontrada ao longo do litoral nordestino brasileiro, em terrenos da Marinha – União. São instaladas e assentadas nas areias das praias, com características de construção provisória e precária, que antigamente servia de apoio informal ao banhista, mas atualmente se consolidou em forma de bares e restaurantes de grande porte, pelas praias de várias regiões litorâneas do nordeste brasileiro. Estão estruturadas com níveis de oferta de serviço e conforto de áreas urbanas com estruturas padronizadas pelos órgãos públicos da municipalidade. Tornaram-se pontos de convivência e referência de lazer contemporâneo.

contemplativo, como sentar nas praças, ir à praia, tomar sol, caminhar livremente pela cidade, ou, até mesmo, observar o pôr do sol à beira mar.

Vislumbra-se também a transformação de alguns segmentos da população, em busca de hábitos mais saudáveis, como a procura por esportes, do tipo *trekking*, *ciclismo* e outros, que podem ser desfrutados nas áreas livres e espaços abertos destinados a lazer, das zonas urbanizadas das cidades. Muitas vezes, a população, que não tem acesso facilitado às praias, recorre às praças e parques próximos às suas residências, transformando o sistema viário em ruas de lazer e as praças em reduto de desportistas de fim de semana.

Os estudos escolhidos, para exemplificação, foram as *barracas de praia* e os eventos de rua – *carnaval* e *festas-de-largo*¹² –, como espaços urbanos contemporâneos de culto ao lazer do cidadão – camaçariense, metropolitano, baiano e brasileiro –, que mostram, ao mesmo tempo, a diversidade cultural nos hábitos de lazer urbanos, e o ambiente econômico e político, implícito na lógica mercadológica, apropriada das celebrações populares.

Os hábitos são polemizados, sobremaneira, na época de alta temporada, na qual o grande fluxo de pessoas altera o ambiente natural e construído das cidades costeiras, como Camaçari, Salvador e as localidades do Litoral Norte. Ao abordar a questão do lazer contemporâneo, no espaço público, pelo viés da ação das manifestações culturais étnico-religiosas, reflete-se sobre os conflitos de interesses existentes pela paisagem urbana, como espaço de convivência e sociabilização das identidades culturais.

O desenvolvimento do turismo de praia – *lazer de mar* – e da promoção de eventos culturais populares de rua, como as festas de origem religiosas – *festas de largo* e o carnaval –, têm interface com o clima ameno, como forte atrator para lazer de rua e turismo sazonal.

O espaço público, como lugar de convivência dos cidadãos, é transformado no teatro de ação dos diferentes atores, que dele fazem uso, e põe em evidência suas organizações e manifestações.

¹² *Festa-de-largo ou lavagem*, constitui-se num evento de rua muito apreciado pela população. A tradição da festa é lavar o adro da igreja por *baianas* com *água-de-cheiro* – água perfumada com folhas específicas em potes de barro - e fazer os rituais do candomblé, para depois iniciar a festa profana com bebidas e comidas típicas, vendidas nas ruas do entorno da igreja, da localidade onde se está reverenciando o santo. O sincretismo religioso se manifesta nestas comemorações originadas, nos anos de repressão e perseguição ao culto de matriz africana, no Brasil, pelas autoridades policiais e religiosas.

A paisagem urbana, como espaço de concertação, é tratada por Isaac Joseph (1993, p. 25) como a expressão democrática da sociedade no espaço público, e, cita Habermas, que define um espaço público como um instrumento de dramatização da intersubjetividade prática, que mobiliza toda uma série de artefatos e equipamentos do pensamento e da atividade (HABERMAS apud JOSEPH, 1993, p. 25).

O planejamento e a operacionalização desses eventos lúdicos garantem alegria, tradição popular e caráter participativo, ao passo que o acesso é impedido e a tranquilidade não é respeitada. A lógica de cada segmento da sociedade civil se expressa nessa contradição. Uma teia complexa é tecida com as redes sociais e fluxos, que se articulam, para a promoção das atividades do lazer contemporâneo.

5. 4. 1 O lazer e o espaço litorâneo – o *lazer de bar* e o *lazer de mar*¹³

A discussão do tema do lazer contemporâneo, do ponto de vista da discussão da utilização dos espaços públicos com a implantação de equipamentos de lazer, tem se acirrado, ultimamente, e toma grandes proporções, estendendo-se nos debates entre os poderes públicos constituídos, a iniciativa privada e os segmentos populares envolvidos.

O costume de lazer e entretenimento de fim de semana do cidadão nordestino é localizado, preferencialmente, nas praias nos dias de sol durante quase o ano todo. Considerava-se a praia um dos lugares mais democráticos das cidades litorâneas, pois a todos é permitido o acesso às areias e ao mar, pela própria Constituição Brasileira, que não permite a privatização das areias da praia.

Até as últimas décadas do século passado, a população de menor renda freqüentava a praia sem constrangimento, pois o traje de banho similar não distinguia níveis sociais, e o consumo de alimentos e bebidas era provido pelo comércio informal, aos freqüentadores, que tanto iam para *pegar um baba*¹⁴ como pescar ou outras formas de entretenimento saudáveis.

¹³Expressão cunhada pelo antropólogo Gey Espinheira, durante palestra, no Fórum de Frentes Marítimas de Salvador em 15/08/2006.

¹⁴*Pegar um baba* é expressão regional baiana que significa o mesmo que *pelada* no Rio de Janeiro, ou jogar bola – jogo de futebol –, que pode ser nas areias das praias ou não.

Nos últimos anos, a proliferação e a instituição do lazer em *barracas de praia*, nos terrenos da Marinha – União –, ou seja, nas areias das praias do litoral da RMS e Litoral Norte, como atividade econômica, tem crescido muito.

A característica principal desse lazer socializado, de convivência coletiva de espaços públicos, como é o caso da utilização das praias, é a implantação de equipamentos de lazer, com tipologia construtiva de padrão provisório e precário. Entretanto, essas construções têm passado por modificações, que extrapolam os limites de sustentabilidade ambiental.

O acesso livre para as pessoas, que não podem ou não desejam usufruir dos serviços oferecidos pelos bares instalados nas areias das praias, não está sendo garantido pela insustentabilidade do modelo de ocupação degradadora das atividades nelas inseridas.

Esta preferência predominante, no litoral nordestino, pelo *lazer de mar* foi se alterando para o *lazer de bar*¹⁵. A intenção principal é de frequentar a *barraca de praia* para tomar cerveja e comer os *tira-gostos* típicos da região. O acarajé, caranguejo, frutos do mar e outras iguarias da culinária baiana são acompanhados da cerveja gelada – a bebida de preferência nacional brasileira.

O hábito cultural brasileiro de valorização da música é incorporado ao lazer das barracas de praia, que instalam equipamentos de som. Conforme a preferência local, tão em moda na Bahia, como *pagode*, *arrocha*, *axé music*¹⁶ e outros ritmos lançados a cada estação de verão, aprecia-se esses ritmos, de modo geral, em alto volume, ultrapassando os padrões mínimos de decibéis permitidos por lei.

Estes pontos de encontro e referência nas praias – *espaços de convivência contemporâneos* – tornaram-se verdadeiras festas a céu aberto, e alguns eventos são programados, concomitantemente, ao usufruto da natureza. Realizam-se campeonatos esportivos nas areias

¹⁵ *Lazer de bar* configura-se como forma de lazer preferido de grande parte dos baianos, entendido aqui como frequentar a *barraca de praia* de sua preferência, localizada também na praia predileta de cada usuário, ou seja, o lazer de praia é o lazer de bar e está institucionalizado pela população, sendo associado a frequentar a barraca de praia, usufruindo os serviços oferecidos e os equipamentos de apoio (livre conceituação nossa).

¹⁶ *Pagode*, *arrocha* e *axé music* são ritmos musicais regionais modernos, muito apreciados pela população brasileira, com forte apelo nas camadas populares, sendo inclusive exportados para fora do continente, pelos artistas que fazem sucesso nas suas turnês internacionais. Esses ritmos geram enormes lucros para a indústria fonográfica brasileira, tal é o volume de vendas, tanto no carnaval, como durante o ano todo e gera uma economia de mercado forte com muitos empregos ligados a este setor, o da economia cultural.

da praia, são lançados produtos de consumo de âmbito nacional, são testadas e oferecidas grandes marcas das empresas do mercado consumidor.

As cervejarias são as maiores patrocinadoras e estimuladoras, desse mercado, pela grande receptividade dos consumidores, inclusive financiando a construção de barracas de praia de maior porte, assim como, material de propaganda e equipamentos de apoio aos permissionários, instalados nas areias das praias.

Configura-se como forma de lazer preferido de grande parte dos baianos - o *lazer de bar* - entendido aqui, como a frequência a *barraca de praia* de sua preferência, localizada na praia predileta de cada usuário, ou seja, o *lazer de praia é o lazer de bar*. Esse costume está institucionalizado pela população, sendo associado a visita a *barraca de praia*, usufruindo dos serviços de alimentos, bebidas e das condições de conforto dos equipamentos disponibilizados.

Estes hábitos, da cultura baiana, estão impregnados na população residente, e têm atraído veranistas e turistas de outras regiões brasileiras, e do exterior. O apelo do turismo de praia, associado ao serviço de alimentos e bebidas, oferecido pelas *barracas de praia* e a exposição dos corpos bronzeados *seminus*, nas areias das praias, é um fato gerador de negócios e controvérsias.

Esta economia do lazer *informal* estimula o lazer do cidadão e gera atividades econômicas, configurando um *cenário de dinamização da economia informal local*, para os moradores e permissionários das barracas de praia. Além disso, propicia-se, para um exército de vendedores informais do comércio ambulante, a venda de toda sorte de produtos, como: bronzeadores, bloqueador-solar, artigos *pirateados*¹⁷, tatuagens adesivas, roupas, bijuterias, óculos escuros, castanhas, amendoim cozido ou torrado, queijo coalho assado, coco verde e outros, ao longo de toda a orla do Litoral Norte da Bahia.

Descortina-se também um *cenário insustentável de degradação ambiental*, porque as barracas estão assentadas nas areias da praia, ocupando-as densamente, com mesas e cadeiras, em toda

¹⁷ *Pirateado* é uma expressão local, ou gíria, para artigos contrabandeados ou irregulares, na fiscalização de impostos devidos, sobre as mercadorias vendidas pelo comércio informal espalhados nas cidades brasileiras *pirateados*.

a extensão da preamar até o limite de borda das águas marítimas. Equipamentos de apoio são oferecidos, como por exemplo, banho de água doce aos usuários/clientes com chuveiros instalados, e recentemente, com a oferta de sanitários públicos.

Além disso, o preparo de alimentos, a céu aberto, não propicia as condições sanitárias saudáveis. Detecta-se que algumas barracas despejam os detritos no subsolo, gerando poluição hídrica, através da contaminação das águas subterrâneas. Durante a pesquisa de campo observou-se vários exemplos de conflito ambiental no uso e ocupação do solo pelas barracas de praia.

Destaca-se a iniciativa recente, por parte do poder público, de minimizar esta situação, disponibilizando sanitários do tipo químico, em alguns pontos da orla. Todavia, a sua manutenção ainda é muito cara para seu uso em larga escala.

Além dos aspectos da ocupação densa e agressiva das areias das praias, essas barracas, que são bares-restaurantes de portes incompatíveis com o visual da paisagem litorânea para um turismo saudável e sustentável; somados à poluição sonora, acima dos decibéis considerados confortáveis para a audição humana, produzida pelos equipamentos de som instalados nas barracas; ampliam a degradação do ambiente costeiro, em desacordo com a legislação vigente, para a proteção dos ecossistemas marinhos.

Vale ressaltar que o litoral de Camaçari, além de ser um ecossistema marinho importante, é um sítio ecológico, visto que é local de desova das tartarugas marinhas e a iluminação das praias, à noite, afeta a reprodução, tanto desses animais, como o ciclo reprodutivo dos peixes e de outras espécies.

A urbanização das praias, como espaço aberto de lazer público do cidadão, é conflituosa com os aspectos da proteção dos recursos naturais e a preservação dos atributos estéticos e paisagísticos, do meio ambiente natural. Outro fator condicionante é de ordem legal, uma vez que, todo o ecossistema litorâneo está compreendido e protegido pela legislação das APAs, e seu zoneamento ecológico econômico, por si só não consegue contemplar essa questão.

Nesta problemática, outro aspecto constatado é o perigo recorrente, refletido na falta de controle da socialização, por parte das pessoas, que freqüentam estes espaços de lazer e entretenimento do cidadão. Abusos, por conta dos excessos alcoólicos, são cometidos durante as horas de exposição aos raios solares.

Existe, ainda, o problema da radiação solar, incidindo, indiscriminadamente, nas crianças e adultos, gerando casos de saúde pública, acrescidos aos casos de violência e mortes no trânsito, na volta das praias. Finalmente, margeando, sem aprofundar, outro problema grave encontrado é o forte apelo para o turismo sexual, combatido veementemente pelo poder público brasileiro.

Durante os fins de semana, as areias das praias funcionam como modernos pontos de venda, como um *shopping-center* ao ar livre, onde é possível ao usuário comprar de tudo, desde produtos alimentícios, acessórios e vestuário até souvenir. A ocupação da praia com os atributos do urbano, acrescidos dos elementos que compõem a sociedade de consumo capitalista, direciona e permite a realização de atividades e empreendimentos de comércio e serviços não apropriados para um ambiente natural, – um sítio ecológico a ser preservado para as atuais e futuras gerações.

Este conflito cultural e espacial, que impacta negativamente o território, gera a *perda da qualidade de vida urbana ambiental*, configurando um *cenário tendencial insustentável*.

Diante dessas constatações, têm-se dois cenários tendenciais para a ocupação das areias das praias: um *cenário de degradação ambiental, com a urbanização das areias das praias, e, o outro, um cenário de controle ambiental severo, com ordenamento do uso e ocupação do solo e gestão urbana do ambiente natural e construído*, implementado pelo poder público, respaldado pela legislação vigente.

5.4.2 Manifestação social em espaços abertos e eventos de rua - Espaços públicos e privados para o lazer urbano contemporâneo

Os eventos de rua – *o carnaval e as festas de largo* –, abordados são as festas populares realizadas nos espaços públicos do Município de Camaçari, pelo viés da manifestação social

no espaço público com atividades de lazer e entretenimento. Estas atividades, de lazer urbano contemporâneo, têm origem nas festas religiosas tradicionais do povo brasileiro, que se caracterizavam pelo espírito familiar, individualizado e espontâneo.

A lógica organizacional das atuais manifestações populares da sociedade contemporânea, em muito, se diferencia do antigo Entrudo, que originou o carnaval, no século XIX, onde reinava a sátira e a espontaneidade das brincadeiras. Hoje *o ócio é um negócio*. O carnaval tornou-se um grande negócio de alta complexidade. Assim como, as festas religiosas de culto a Rainha das Águas – Iemanjá¹⁸ –, e dos santos padroeiros se transformaram em *festas de largo – lavagem* –, com organização similar ao carnaval.

Percebe-se uma homogeneização destas festas, por toda a Bahia, no sentido de que possuem as mesmas características. Em todas são organizados desfiles de cortejos pelas vias públicas, acompanhados de *trios-elétricos*¹⁹, barracas de cerveja e comidas típicas, atividades de comércio informal ambulante, necessidade de segurança pública, controle de tráfego, fiscalização da higiene e condições sanitárias, regulação da propaganda e controle de poluição sonora, coleta de lixo, etc. O porte do evento pode ser menor ou maior, entretanto, todos necessitam de operacionalização dos serviços urbanos e de infra-estrutura, pelo poder municipal com maior ou menor sobrecarga.

Além disso, com a grande atratividade turística das manifestações religiosas populares, há um processo de folclorização dessas atividades, uma espécie de cooptação pelo *marketing* turístico (SERPA, 2007, p. 161).

Observa-se um paradoxo na essência das manifestações da cultura popular brasileira, que pode ser explicitado assim: “Ao mesmo tempo, é uma festa popular e uma arena econômica e

¹⁸ *Iemanjá* é a orixá que deu origem a vida, pela mitologia religiosa de matriz africana. Única divindade do candomblé que tem festa pública própria sem associação religiosa com santos católicos. É costume no dia 2 de fevereiro levar presentes para Iemanjá que mora no mar, enchendo balaios de presentes que agradam a bela e generosa orixá *mãe-das-águas*. Esses presentes são transportados por barcos dos devotos e jogados nas águas profundas do oceano.

¹⁹ *Trio-elétrico* é um equipamento musical, criado na Bahia, na década de 50, pela dupla de carnavalescos muito populares, Dodô e Osmar. Constitui-se de um caminhão que suporta os equipamentos de som, montados em sua carroceria. Ele se desloca pelas ruas, transmitindo som eletrizado e arrastando a multidão frenética, funcionando como um palco ambulante para as bandas e cantores desfilarem no carnaval. Com o passar do tempo foi se aperfeiçoando e sofisticando, atualmente possui sanitários, camarotes e serviços de alimentos e bebidas, oferecidos aos foliões, que pagam para brincar dentro dos blocos de cordas, puxados por *trios-elétricos*.

política, uma feira e uma celebração, um evento pluralista e democrático, com espaços reservados para a elite, uma vitrine de negócios e um cenário de manifestações culturais etno-mestiças.” (FISCHER, 1996, p. 17)

O Carnaval, atualmente, é considerado uma das maiores festas de participação popular brasileira, ao mesmo tempo em que se transforma num megaevento, gerador de negócios da indústria do carnaval, como por exemplo, a fonográfica e das cervejarias, e de oportunidades de trabalho e renda para as camadas mais pobres da população.

Salvador, no Estado da Bahia, é internacionalmente conhecido por abrigar uma das maiores manifestações de rua do planeta, quando ocorre o Carnaval, considerado um dos maiores eventos públicos de lazer do mundo. Esse evento recebe uma massa de mais de dois e meio milhões de pessoas, concentradas no circuito carnavalesco – sistema viário que vai da zona central até os bairros da Barra e Ondina, incluindo o perímetro histórico do Pelourinho –, no período de uma semana.

Em Camaçari, o carnaval se consolida, antecipadamente, em novembro, antes da data comemorativa oficial – no mês de fevereiro, até a quaresma – com o *Camafolia*, festejo carnavalesco organizado pela municipalidade, e realizado na sede municipal. São atraídos, aproximadamente, 100 mil pessoas, oriundas de todo o Estado, durante os três dias da festa. O carnaval de Arembepe é comemorado no período da quaresma, considerado uma *micareta*²⁰, e também atrai turistas e foliões de todo o Brasil.

São ocupados, para diversão de foliões nativos e turistas nacionais e estrangeiros, os espaços abertos públicos, como as avenidas, praças e calçadas, que são fechados para passagem de veículos. O espaço público é preparado em alguns trechos, privatizado para o desfile dos *blocos carnavalescos* (Glossário) e suas atrações musicais.

A *economia do carnaval* injeta recursos financeiros de grande porte, nas cidades, nas suas várias atividades e gera expectativas positivas nos setores produtivos ligados à *indústria do carnaval*. Essas festas crescem cada vez mais, estendendo-se por várias cidades, e continua

²⁰ Micareta é o carnaval fora de época, pois a data oficial do carnaval brasileiro, e feriado nacional, acompanha o feriado religioso da Igreja Católica da terça-feira gorda, que antecede a quarta-feira de cinzas.

atraindo investimentos privados e gerando empregos, na economia informal, fazendo circular milhões de reais.

Este grande evento de parceria público privado, do *lazer urbano*, permite a manifestação popular da cultura de vários grupos sociais, como os de raízes africanas e indígenas do povo brasileiro, de variadas formas, com uma explosão de alegria, em meio à exclusão socioeconômica, de grande parte da população.

Para a realização e participação na festa são gastos milhões de metros de tecido, para a confecção de roupas típicas, usadas nos *blocos carnavalescos* e *camarotes*²¹, desde as *camisas-convite*, os *abadás*²², até os *torços*²³ de origem africana e as fantasias. Além do consumo de milhões de litros de refrigerantes e cervejas – a bebida mais popular do carnaval –, e por isso, a importante participação das cervejarias no patrocínio de muitas atividades ligadas à economia do carnaval, dos grandes eventos musicais e das festas populares de rua e do comércio informal baiano.

A responsabilidade pela organização e fiscalização do carnaval é da municipalidade. Anteriormente, era organizada informalmente, pela própria população, mas os rumos e a dimensão do Carnaval têm inspirado teses de sociólogos, antropólogos e economistas, além dos especialistas em turismo e urbanismo, transformaram a tradicional festa religiosa, em lazer de verão, num *hipershow* a céu aberto, cobiçado pela mídia nacional e internacional, como palco para as celebridades de plantão, e grande atrativo como destino turístico, na escala nacional e internacional.

²¹ Camarotes são espaços privados construídos para a elite baiana nas festas e grandes eventos de rua, como São João, Carnaval e outras. São instalados ao longo do circuito das festas, recebendo as pessoas da população de classe média alta e as celebridades nacionais e estrangeiras com todo o conforto e segurança. Serviços de alimentos e bebidas, som mecânico, SPA e outros.

²² Abadá é uma vestimenta padronizada usada pelas pessoas que participam do carnaval, dentro dos blocos carnavalescos, também, usado como marca registrada e convite – *ingresso* –, ou um *bilhete* obrigatório, para a entrada nos camarotes. É vendido a custos variados, a depender da importância e classe socioeconômicas dos participantes dos blocos, e das atrações e conforto disponibilizadas, dentro do bloco ou da localização privilegiada do camarote. A sua forma antiga era uma veste, tipo mortalha, e com rosto coberto, chamados mascarados ou caretas. Ela foi se transformando e adaptando-se aos costumes atuais de moda e cultura popular e se transformou numa camiseta, que a maioria dos compradores customiza, chegando a transformar-se em adereço, corpete ou sutiã.

²³ Torço ou turbante é um adorno para a cabeça, confeccionado em tecido branco ou colorido, enrolado em torno dos cabelos de homens e mulheres, oriundo da tradição religiosa de matriz africana – o *candomblé*.

No caso de Salvador, outra cidade – informal e provisória –, é construída para os dias de folia, nos quais são privatizados os espaços públicos – calçadas e praças –, para abrigar os camarotes da classe média alta e da elite artística nacional e internacional. Também são instalados inúmeros bares, ao longo dos *cortejos de trios elétricos*, onde o cidadão comum – *folião-pipoca*²⁴ – não consegue chegar para participar de forma segura e confortável da festa.

Outra festa popular que envolve aspectos geográficos, ecológicos, sociais, religiosos tendo o mar como palco principal das comemorações é a *Festa de Iemanjá – a Rainha do Mar*. Muito importante, no calendário de eventos, principalmente, aquelas que ocorrem ao longo da orla do Litoral Norte da Bahia, desde Salvador até Praia do Forte, é uma festa com característica de oferendas e de presentes, jogados ao mar para agradar a *mãe-das-águas*, tradicionalmente comemorada todos os anos, em 2 de fevereiro, pelos pescadores e *mães-de-santo* das comunidades litorâneas do Brasil.

Esta celebração é muito concorrida e proporciona um espetáculo de fé, tradição e beleza. As baianas com seus torços e colares de bolas coloridas, fascinam e materializam os mitos religiosos, e o imaginário popular impregnado das raízes culturais africanas, da população baiana.

Monte Gordo/ Guarajuba, Jauá e Barra do Jacuípe e outras localidades realizam suas *lavagens* do mesmo modo, e atraem o público veranista e residente das localidades de toda a orla do Município e da RMS.

Segundo Jung:

O mar é o símbolo *par excellence* do inconsciente coletivo, a origem de toda a vida, onde a transmutação ocorre, representando ao mesmo tempo, *a água permanente e eterna, a água sagrada e o mar tenebroso, o caos*. Mergulhar nesse mar representa a dissolução do corpo físico, um retorno ao obscuro estado físico inicial. Assim criam-se as condições necessárias para o nascimento de um *novo ser* (JUNG apud SERPA, 2007, p. 128).

O arquétipo do mar exerce uma incrível força de fascinação nas pessoas, representa bem os processos dinâmicos relacionados ao inconsciente coletivo. A representação de Iemanjá,

²⁴ Folião-pipoca é o folião que brinca espontaneamente nas ruas e avenidas, atrás do trio-elétrico, e do lado das cordas que separam os blocos, sem pagar e sem fantasia ou abadá. Representam a exclusão socioeconômica da indústria do carnaval, onde a participação popular é fundamental.

como uma bela sereia reverenciada no seu vasto palácio, definido pela linha prateada do mar que se estende mar adentro, dá bem a dimensão e importância dos espaços costeiros para a população baiana e brasileira.

Os arquétipos são atemporais, já que pressupõem a possibilidade de repetição de acontecimentos e experiências, transpostos do inconsciente coletivo e conscientizados pelo sujeito, o que relativiza as noções de passado, presente e futuro. (SERPA, 2007, p. 123)

Se o mês de setembro é o dos *carurus* em homenagem aos santos gêmeos Cosme e Damião, o mês de fevereiro é o das feijoadas em homenagem a Iemanjá. No candomblé a música é sagrada, sem ela não há a saudação dos orixás e a interação deles com seus filhos. A musicalidade da religião e a inspiração em tão bela e generosa orixá motivaram poetas e músicos ao longo do tempo no Brasil e na Bahia. Belas poesias e canções fazem parte do repertório musical e poético nacional, como por exemplo, a música Dois de Fevereiro, de Dorival Caymmi:

*Eu quero ser o primeiro
Pra saldar Iemanjá
Escrevi um bilhete a ela pedindo pra ela me ajudar
Ela então me respondeu
Que eu tivesse paciência de esperar
O presente que eu mandei pra ela
De cravos e rosas vingou
Chegou, chegou, chegou
Afim que o dia dela chegou*

Muitas canções com temas relacionados ao universo do candomblé são cantadas por artistas famosos baianos e difundidas, internacionalmente, como exemplo representativo do arquétipo feminino, e ligado a temática do mar, simbolizado pelo orixá que dá nome a canção Iemanjá Rainha do Mar. Assim, apresenta-se a composição de Pedro Amorim e Paulo Cesar Pinheiro:

Quanto nome tem a Rainha do Mar? / Quanto nome tem a Rainha do Mar? / Dandalunda, Janaina, / Marabô, Princesa de Aiocá, / Inaê, Sereia, Mucunã, / Maria, Dona Iemanjá. Onde ela vive? / Onde ela mora? / Nas águas, / Na loca de pedra, / Num palácio encantado, / no fundo do mar. O que ela gosta? / O que ela adora? Perfume, / Flor, espelho e pente / Toda sorte de presente / Pra ela se enfeitar. Como se saúda a Rainha do Mar? / Como se saúda a Rainha do Mar? / Alodê, Odofiaba, / Minha-mãe, Mãe-d'água, / Odojá! Qual é seu dia, / Nossa Senhora? É dia dois de fevereiro / Quando na beira da praia / eu vou me abençoar. O que ela canta? / por que ela chora? Só canta cantiga bonita / chora quando fica aflita / Se você chorar. Quem é que já viu a Rainha Mar? Pescador e marinheiro / que escuta a sereia cantar / é com o povo que é praieiro / que a dona Iemanjá quer se casar. (CANÇÕES..., 2007, p. 6)

Algumas festas também muito populares são as lavagens dos condomínios, que se espalham ao longo da orla, durante a estação de verão. Destacam-se aquelas organizadas pelos Condomínios de Interlagos, circunscrita aos seus moradores, e Parque das Dunas, denominada PiriQUITAS de Jauá.

A festa do Bloco das PiriQUITAS de Jauá vem mantendo a tradição, e por quinze anos, faz um roteiro por dentro da localidade de Jauá. A diferença entre estas *lavagens* e outras é a irreverência dos participantes, que se fantasiam com roupas de mulheres – travestidos –, e de forma espontânea mudam seus hábitos, e materializam a alegria do carnaval antigo, com fantasias pitorescas, e brincadeiras satíricas, atraindo multidões frenéticas, de alegres veranistas, turistas e moradores dos condomínios do entorno.

Destacam-se também como lazer contemporâneo as festas particulares de grande porte em espaços privados que atraem multidões e geram impactos nos ecossistemas e sobrecarga na infra-estrutura ao longo da zona de orla do Município de Camaçari.

Estes eventos programados pela iniciativa privada com grande investimento na produção de mega-shows em espaços abertos privados e atraentes para as faixas de renda mais altas tem gerado polêmica na sua aprovação pelos órgãos públicos - municipal e estadual.

Atualmente são realizados mega-shows em grandes áreas vazias ou nos antigos sítios situados ao longo de todo o Litoral Norte, com promoções e muita divulgação de âmbito regional e nacional com cantores, *DJs* e artistas locais, nacionais e internacionais.

Eventos de toda sorte como *réveillon*, *lual*, *rave*, *trivela* e outros com bandas famosas ou música eletrônica movimenta a economia de turismo de eventos musicais. Para esses eventos são montados de forma provisória toda a infra-estrutura necessária para a festa como coberturas provisórias, sanitários, locais de descanso - os *lounges* -, praça de alimentos e bebidas, camarotes e outros serviços cada vez mais sofisticados e estimuladores do consumo do lazer contemporâneo para a população mais favorecida economicamente (Fig. 60).

Configuram-se, portanto, de um lado, os cenários para atração de turismo de eventos de grande e médio porte, com desenvolvimento econômico, participação popular, e ainda

estímulo ao comércio informal, com geração de emprego e renda para as camadas mais pobres.

Por outro lado, instala-se o cenário de degradação urbana ambiental, privatização de espaços públicos, poluição sonora e olfativa, acima dos níveis permitidos e toleráveis pelos seres humanos, impactos na infra-estrutura urbana, com grande concentração de público, gerando acúmulo de lixo e falta de condições de higiene e saúde pública.

A rede social participa ativamente, e revela-se de forma lúdica e viva, através das suas manifestações etno-socioculturais, construindo, com seu comportamento complexo, o espaço de lazer contemporâneo.

A capilaridade da teia das relações contemporâneas do lazer do cidadão é refletida a partir de todos os envolvidos, quais seja associação de barraqueiros, donos de bloco de carnaval, donos de *trio-elétrico*, produtores culturais, vendedores ambulantes, baianas de acarajé, políticos, garis, agentes de saúde, policiais, fotógrafos, cantores, artistas, mães-de-santo, turistas, *foliões-pipoca*, seguranças-cordeiros, cozinheiros, garçons, promotores de eventos, moradores, e etc.

Com isso, surge um *cenário complexo de redes e fluxos sociais na construção do espaço público do lazer contemporâneo*.

O alerta deve ser registrado, para que o lazer e o entretenimento não se tornem uma negação da cultura local, apropriando-se, massificando e distorcendo os valores da identidade cultural das comunidades da orla de Camaçari. A desintegração da cultura é evidenciada pela conversão dos objetos culturais em mercadorias sociais, que podem circular e se converter em moeda de troca de toda a espécie de valores, sociais e individuais (ARENDDT, 2002 apud SERPA, 2007, p. 158).

Figura 60: Eventos nos espaços privados da orla do Município de Camaçari



Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora, Camaçari, 2007.

5.5 INVESTIMENTOS PÚBLICOS E PRIVADOS PROGRAMADOS PARA O DESENVOLVIMENTO DO TURISMO LOCAL

O fenômeno do turismo caracteriza-se pelo seu comportamento complexo e dinâmico, e rebate-se, territorialmente, através das suas políticas públicas e dos investimentos da iniciativa privada, com reflexo na qualidade de vida das pessoas, e no desenvolvimento local/regional.

Merece destaque o artigo 180, da Constituição Federal Brasileira, ao afirmar que “a União, os Estados, o Distrito Federal e os Municípios promoverão o turismo como fator de desenvolvimento social e econômico”.

Com o alerta da Constituição, para que o turismo promova o desenvolvimento econômico e social, é importante destacar que cabe ao Município dispor de mecanismos legais para atender a estes preceitos. Entretanto, cabe à iniciativa privada a oferta de produtos e serviços, atendendo às regras de mercado, à ética nos negócios e, principalmente, à legislação. Além de governo e iniciativa privada, outros agentes também são importantes, na cadeia produtiva do turismo, para que ele se desenvolva de forma harmônica atendendo a amplas expectativas.

A iniciativa e condução do planejamento das atividades turísticas devem partir do setor público, assim como, o controle e comprometimento efetivo, visando o desenvolvimento local.

Conforme a Organização Mundial do Turismo – OMT – na comparação 2005 e 2004 o crescimento do turismo internacional no mundo em chegada de turistas estrangeiros foi da ordem de 5,6%. Na América do Sul foi de 11,6%, enquanto que no Brasil, estima-se que no mesmo período, a taxa de crescimento foi de 12,5% e para a Bahia 6,1%, portanto, com estimativas de crescimento superiores a média mundial (BAHIA, 2006).

Em 2006, desembarcaram em vôos internacionais turistas estrangeiros na ordem de 6,4 milhões de passageiros, e a receita gerada com o ingresso de visitantes estrangeiros foi de US\$ 4,3 bilhões (BRASIL, 2007d)

As políticas públicas do setor de turismo não estão ainda regulamentadas em uma lei federal, como outros setores da economia do País. No entanto, diversos planos, programas e projetos, nos âmbitos nacional, estadual e local, têm suprido essa carência da legislação do setor, e avançam no desenvolvimento do turismo local e regional.

O Ministério de Turismo – MTUR –, criado em 2003, responsável pela formulação de políticas públicas do setor de turismo no País, lançou o Plano Nacional de Turismo – PNT –, para o período de 2003 a 2007. Um dos objetivos principais desse Plano foi desenvolver o setor turístico, enquanto atividade econômica sustentável, que gere empregos e divisas satisfatórias, transformando o turismo num meio de inclusão social.

Em junho (2007), o PNT revê suas metas e lança para o período 2007-2010 o Turismo de Inclusão, com foco na função social do turismo, cujo objetivo é reduzir as desigualdades regionais para fazer do Brasil um País de todos. Pretende-se estimular o mercado interno, com facilidades para viagens em 65 destinos turísticos estruturados no padrão de qualidade internacional, nas Regiões Turísticas Brasileiras organizadas institucionalmente (BRASIL, 2007d).

As metas do PNT, para 2010, são de criar 1,7 milhões de novos empregos e ocupações, mapear 200 regiões turísticas, no País, estruturando-as nos padrões de qualidade internacional. Também, intenciona-se gerar U\$7.7 bilhões de divisas com a chegada de 7,9 milhões de turistas estrangeiros, e o desembarque internacional de 10 milhões de passageiros, com taxa de permanência de 14, 4 dias desses turistas internacionais (BRASIL, 2007d).

A busca da competitividade do turismo nacional e baiano, nos mercados internacionais, tem alavancado o setor e promovido parcerias entre o segmento público e privado – PPP. A competitividade deve levar em conta o caráter sistêmico do turismo, que prescinde de articulação entre oferta de produtos e serviços turísticos das regiões, e abrange aspectos relativos aos campos sócio-cultural, político, econômico, ambiental e territorial (QUEIROZ, 2005, p. 39).

O turismo como atividade econômica conduzida, até então, pelo setor privado é estimulado pelas demandas de consumo interno e externo gerando fluxos de capitais e pessoas. Atualmente, o planejamento e o desenvolvimento turístico das regiões brasileiras têm oportunizado pactos político-sociais.

A construção desse espaço de concertação passa pela discussão da questão, de um turismo responsável, para as regiões brasileiras e tem sido associada à sustentabilidade do turismo, cujo resultado almejado é a busca do equilíbrio ambiental, justiça social e da viabilidade econômica, nos processos que compõem a atividade. Ainda nessa perspectiva, o turismo sustentável contribui para garantir, as atuais e próximas gerações, a manutenção e a melhoria da qualidade de vida nos territórios.

A meta do governo baiano para atuação no setor turístico é a sua descentralização. Os programas criados para a regionalização do turismo, como os Roteiros do Brasil, e os investimentos em infra-estrutura e equipamentos turísticos pelo PRODETUR – Nordeste (Programa de Desenvolvimento do Turismo no Nordeste) – tiveram reflexos importantes na melhoria da oferta turística do mercado baiano.

Aliados aos programas do governo federal, o setor público estadual, responsável pelo turismo, tem estimulado a realização de feiras nacionais e internacionais que oportunizam as parcerias público-privada, com captação de investidores para projetos turísticos locais, que visam a expansão do parque hoteleiro e dos equipamentos de lazer e entretenimento, além de apostar na diversificação do produto turístico baiano.

Considerando-se que a atividade turística é exercida, fundamentalmente, pela iniciativa privada, e envolve um amplo leque de oportunidades, para a realização de empreendimentos e oferta de equipamentos e serviços turísticos, apresenta-se a seguir, as perspectivas de investimentos públicos privados programados para o desenvolvimento turístico da orla do Município de Camaçari.

5.5.1 Equipamentos e serviços turísticos programados pelo poder público para a orla de Camaçari

Declarações, recentes, de autoridades ligadas ao Ministério do Turismo – MTur –, na Bolsa de Turismo de Lisboa, realizada em janeiro de 2007, asseguram que o Brasil pretende dobrar, até 2010, a presença de turistas estrangeiros no País. Anualmente é cinco milhões, o número de turistas recebidos. O governo federal pretende chegar a 10 milhões de turistas, investindo em todos os setores inclusive na infra-estrutura, e segurança pública para os visitantes nacionais e estrangeiros, que chegam às áreas de grande fluxo de turistas (BRASIL, 2007d).

A crise aérea nacional e a necessidade de acompanhar, o crescimento planejado, para o turismo nacional internacional, pressupõem a ampliação da malha aeroviária. O aeroporto da capital baiana está perto da saturação, sua capacidade máxima de 6 milhões de passageiros, por ano, e será atingida já em 2008, segundo o gestor do órgão responsável pelo turismo baiano.

Inserir-se, portanto, no planejamento e gestão do turismo do estadual a idéia de construir aeroportos e ampliar outros, para aumentar a captação de turistas de rendas média e alta, nacionais e estrangeiros. Estudos estão sendo elaborados para a construção do novo aeroporto internacional, na Costa do Sauípe – Litoral Norte da Bahia – para desafogar o da capital baiana, e melhorar a oferta e o acesso aos empreendimentos turísticos da região.

De acordo com os diretores dos órgãos de turismo governamentais da Bahia e divulgações amplamente feitas pela mídia, a região da Costa dos Coqueiros, no Litoral Norte do estado da Bahia, é um destino com características para atrair cada vez mais o turismo internacional e os investimentos de grandes grupos nacionais e estrangeiros. A Região Turística da Costa dos Coqueiros (ver Mapas 05, 08 e 17), com aproximadamente 200 km de praias, vem sendo alvo de investimentos de vulto, configurando-se como *cenário de lazer e turismo integrado a hotéis-resorts*.

O Município de Camaçari, através de seu instrumento de normatização do uso e ocupação do solo, o PDDU/2008 – Camaçari discutiu e priorizou, com a participação de toda a sociedade civil, uma série de investimentos de apoio ao turismo para sua zona litorânea.

O PDDU/2008 – Camaçari propõe diretrizes específicas para o Plano Urbanístico da Orla, e incluem o planejamento funcional da Estrada do Coco com paisagismo, sinalização, passagens em desnível, assim como, plano de ocupação específico para as Zonas Especiais de Comércio e Serviços – ZECS – e o Plano Urbanístico para o centro de Arembepe.

Constam do Anexo III, no referido documento, propostas de alguns programas e projetos destacados a seguir: Projeto Memorial de Abrantes; Projeto Monumento Natural Dunas de Abrantes; Programa de reinserção urbanística e ambiental da orla; Programa de qualificação dos espaços públicos da orla; Programa História e Memória – Projeto Marcos da Arquitetura; Projeto Senhora de Santana de Cordoaria; Implantação de Centro de Convenções; Autódromo, espaço cultural e de eventos musicais na orla de Camaçari; Consolidação do Projeto do Corredor Ecológico da orla.

5.5.2 Empreendimentos turísticos programados pela iniciativa privada para a orla de Camaçari

O grande atrativo da enorme costa litorânea brasileira, com seus 3.300 km, tem sido a região Nordeste, pelos seus 300 dias de sol anuais. Somados a isso, é uma região tropical que não está sujeita a catástrofes climáticas, desastres naturais e atentados terroristas. O Nordeste Brasileiro tornou-se um bom negócio para investimentos turísticos e segundas residências – casas de veraneio.

Grandes investidores nacionais, internacionais e locais estão investindo no setor imobiliário da região, tendo sido divulgado em campanhas e em fóruns específicos, do mercado imobiliário turístico, de que é um lugar ótimo para morar e excelente para investir.

O litoral da Bahia – com 1.083 km de orla – tem sido promovido como um produto diversificado culturalmente, e competitivo com os destinos turísticos internacionais – como Cabo Verde, Grécia, e Caribe–, por seus atributos, tais como, clima favorável, temperatura do mar, proximidade de aeroportos, baixos preços dos terrenos.

O potencial turístico da orla de Camaçari tem sido evocado, pelo mercado imobiliário, turístico, internacional e local, para condomínios residenciais e *resorts*, onde um fomenta o outro. A casa de praia ou segunda residência é vendida com a infra-estrutura hoteleira (Fig. 61).

Figura 61: Projeto de resort a ser implantado no litoral de Camaçari



Fonte: Acervo fotográfico da pesquisadora, Barra do Jacuípe, Camaçari, 2007.

A tendência mundial, que movimentou o mercado imobiliário, para segunda residência no curto prazo e no longo prazo, para os aposentados dos países europeus viverem aqui, durante os meses de frio europeu, tem sido muito estimulada pelas parcerias entre os agentes imobiliários nacionais e estrangeiros.

Esse mercado crescente, de negócios privados de âmbito internacional, tem gerado investimentos no setor de turismo residencial, fora da Europa, da ordem de três bilhões de euros, segundo a Associação para o Desenvolvimento Imobiliário e Turístico do Nordeste Brasileiro – ADIT.

A intenção desses agentes imobiliários, nacionais e estrangeiros, reunidos em junho de 2007, em Salvador /BA, é de captar 20% desse capital europeu – 700 milhões de euros –, para investir no Nordeste.

Atraídos pelo clima, beleza natural e infra-estrutura existente na região do Litoral Norte da Bahia, redes européias, principalmente, as ibéricas estão investindo em empreendimentos turísticos. Somente na região turística da Costa dos Coqueiros, onde se situa o litoral de Camaçari, os grupos portugueses, Vila Galé e Espírito Santo, estarão investindo no ramo hoteleiro para turismo litorâneo internacional, nos próximos três anos R\$ 200 milhões²⁵, aproximadamente, US\$ 100 milhões, além dos grupos espanhóis Iberostar e Reta Atlântico.

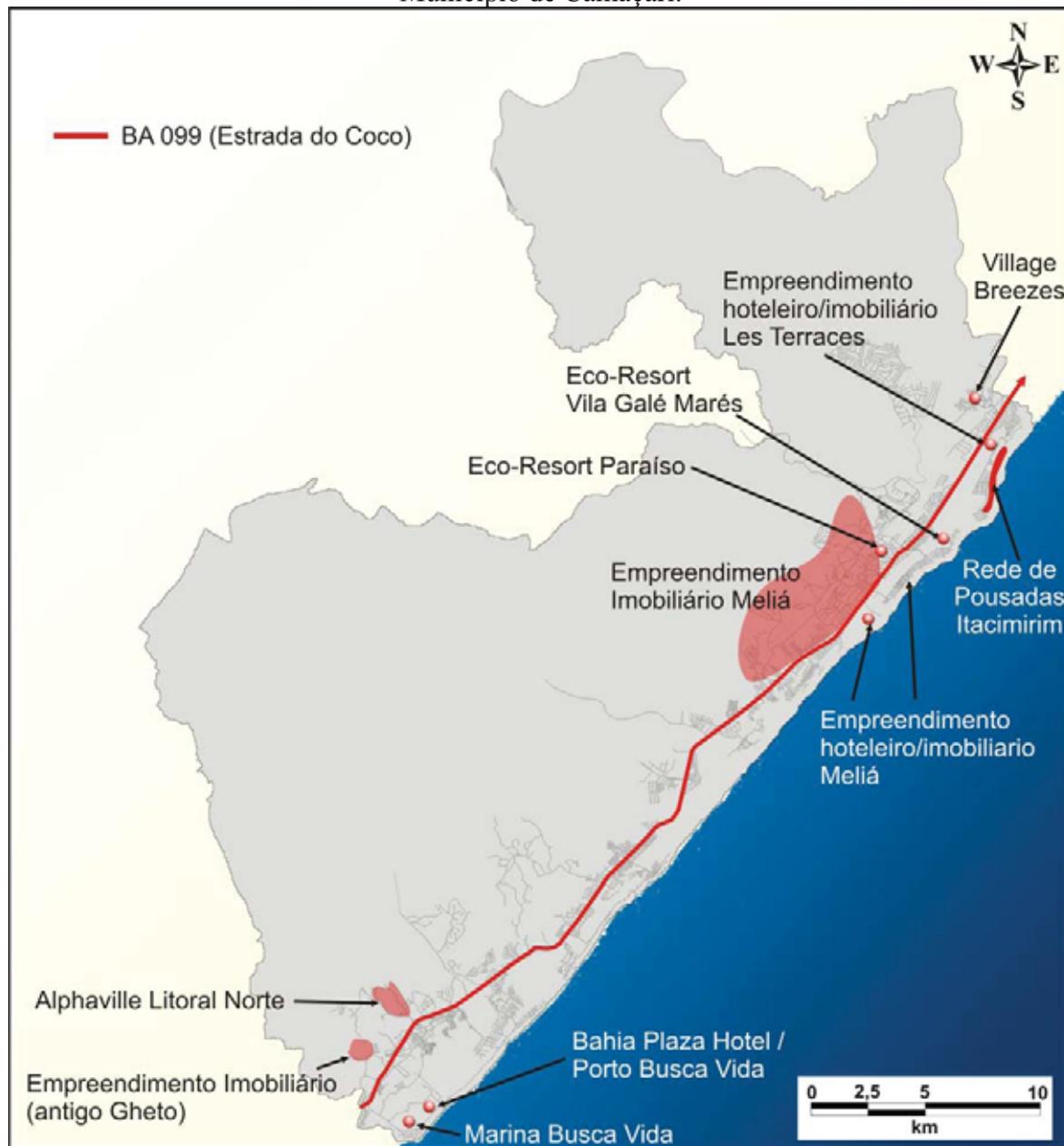
Com a instalação, na praia de Guarajuba, do Resort Vila Galé Marés, a maior rede portuguesa inaugurou, no início do ano de 2006, um empreendimento de 450 apartamentos, com geração de empregos diretos e indiretos para a população residente, nas localidades ao longo do litoral.

Outro empreendimento a ser viabilizado será o Alphaville Genipabu, na praia de Genipabu, em fase de projeto, pelo grupo nacional Alphaville Urbanismo SA associado ao grupo internacional Meliá. No ano de 2006 e 2007, novos empreendimentos turísticos foram

²⁵ Dados veiculados pela imprensa oficial baiana e baseados em informações do órgão de Turismo do Estado da Bahia – Bahiatursa.

aprovados para se instalarem na Costa dos Coqueiros, incluindo os dois de Guarajuba. No Mapa 35 estão localizados os principais investimentos previstos e em construção pela iniciativa privada, no setor de turismo, para a orla do Município de Camaçari, para os próximos anos.

Mapa 35: Localização dos investimentos programados pelo setor privado, na orla do Município de Camaçari.



Fonte: Elaboração própria com dados da pesquisa direta, Camaçari, 2004-2007.

Esta perspectiva positiva, de implantação de hotéis e pousada do tipo resorts, e condomínios residenciais apoiados por serviços hoteleiros, na orla do Município, configuram o *cenário*

tendencial de desenvolvimento regional e local, através de um pólo receptivo de turismo internacional com a implantação de resorts e segundas residências.

Em conformidade com a Associação Brasileira de Resorts, os investimentos em resorts mudam a economia local, e para cada R\$ 16 mil investidos em hotéis, cria-se um emprego. No entanto, no setor têxtil, seriam necessários R\$ 32 mil, e na siderurgia, R\$ 64 mil. Cerca de R\$ 4 bilhões dos investimentos previstos para os próximos dez anos vem da península ibérica.

A estimativa é que até 2010, só a Bahia tenha ultrapassado os 23 mil quartos. Atualmente, o Estado concentra a maior oferta da Região Nordeste – 11 mil –, enquanto um dos destinos mais importantes do mundo como as ilhas caribenhas possuem 19 mil quartos (ECONOMIA, 2007, p.14).

5.6 SÍNTESE DO CENÁRIO TENDENCIAL: O TURISMO, O LAZER E A SUSTENTABILIDADE DOS LUGARES

A lógica geográfica da atividade do turismo tem preferência pelas diferenças, pelo particular, exótico, distante. Os turistas andam em busca de lugares e regiões naturais e culturalmente diferentes daquelas de sua origem. Os turistas saem das áreas centrais e metropolitanas para dirigirem-se às áreas mais distantes e conhecer outras culturas e paisagens diferentes, que podem ser as áreas chamadas periféricas. O turismo de lazer e ecoturismo são as únicas atividades que têm preferência pelas áreas periféricas, e o turismo de negócios pelas áreas centrais²⁶.

O sentido de preservar o local, valorizando o diferente, sem perder de vista os mercados globais, é uma estratégia de turismo sustentável viável no curto prazo. Aceitar a multidimensionalidade do turismo é admitir a construção de diferentes e inovadoras formas de desenvolvimento, nas quais as dimensões da sustentabilidade dos lugares estariam asseguradas. Ao revelar outros modos de vida, e relações sociais, culturais, econômicas,

²⁶ Textos e anotações obtidos através de aulas expositivas do Prof. Dr. Sylvio Bandeira de Mello e Silva, no ano de 2001, durante as aulas de Análise Espacial do curso de doutorado em Desenvolvimento Regional e Planejamento Territorial, convênio Universidade de Barcelona / UNIFACS.

ambientais, as pessoas circulam e consomem os produtos turísticos, dependendo intrinsecamente dos recursos naturais e da herança cultural da sociedade.

Portanto, é do próprio interesse do turismo sustentável buscar ativamente o desenvolvimento local e cooperar com a comunidade, outros grupos, setores e governos para garantir a integridade de seus recursos.

A importância de construir estratégias para o desenvolvimento do turismo sustentável dos lugares locais e globais é um grande desafio, que se apresenta. Para os setores envolvidos no fenômeno turístico, diante das tendências atuais globais, a perspectiva e tendência é não transformar o espaço vital e de uso cotidiano dos cidadãos noutro local só de uso turístico, como um *presente de grego*. Não se deseja um pacote artificial, transmutado e homogêneo, no qual a normose e a perda da identidade cultural, com uma nova roupagem, desrespeita as especificidades dos locais e dos seus moradores.

As políticas públicas de incentivo ao turismo afirmam o conceito de que, *o lugar é bom para o turista quando também o é para o cidadão*, marcando a atuação do Programa Nacional de Municipalização do Turismo – PNMT. Desse modo, pode-se asseverar também que o desenvolvimento do turismo sustentável é bom para os lugares, e é a partir dessas constatações, que as políticas governamentais incentivam o desenvolvimento equilibrado e sustentado do turismo com estratégias de promoção apropriadas ao turismo da nova era.

Assim, quanto maior e mais competitivo se torna o turismo, mais atrativas para os turistas se tornam as culturas autênticas, não padronizadas ou mercadizadas, mas caracterizadas como nichos de oportunidades e mercados competitivos na economia global.

Faz parte de um grande paradoxo, em nossos dias, de um lado, o fortalecimento da globalização, e por outro, também o de suas partes componentes. As coisas não acontecem no global, acontecem nos lugares e nas regiões²⁷.

A exigência ambiental e o cuidado com o equilíbrio dos ecossistemas, da região, é fator de atração dos investimentos turísticos do capital imobiliário. Não obstante, a legislação de

²⁷ Notas de aula na disciplina de Análise Espacial ministrada pelo Prof. Dr. Sylvio Bandeira de Mello e Silva, no Curso de Doutorado em Planejamento Territorial e Desenvolvimento Regional, no mês de agosto de 2001.

proteção rigorosa para as Unidades de Conservação, existentes na região, e os preceitos do Estatuto da Cidade, para a função social do território, o que se vê é a ocupação do solo, de forma segregada, com exclusão socioterritorial no processo de urbanização da orla de Camaçari.

A influência dos fatores físicos e sociais favoráveis ao turismo – clima, praias, paisagens, cultura local – tem sido fundamental para a mercantilização dos lugares que evocam o prazer, o deleite, a alegria, como elementos simbólicos de atração turística para sociedade de consumo contemporânea.

A urbanização turística definida como a urbanização baseada na venda e no consumo do prazer. [...] Esse consumo é para a alegria, o prazer, o relaxamento, a recreação, etc., e não é um consumo de necessidades básicas sob a forma de habitação, de serviços de saúde, educação, saneamento básico e outros. (MULLINS, 1991, p. 326 apud SILVA, S., 1997, p. 166).

Com o crescimento do turismo, lazer e entretenimento, e a aceleração da urbanização no Litoral Norte da Bahia, ao lado de outros fatores econômicos, sociais e culturais, destacam-se a dinâmica do turismo e a dinâmica da urbanização, como fatores associados para a sustentabilidade do desenvolvimento local e regional.

A expansão urbana da RMS, seu espraiamento linear em direção ao Vetor Norte de crescimento metropolitano, a implantação de resorts e investimentos do capital imobiliário em segundas residências – turismo residencial –, resulta, para a orla do Município de Camaçari, numa nova territorialidade. Uma nova cidade litorânea linear surge ao longo da Estrada do Coco, com característica de *mono especialização funcional do padrão de urbanização*, como se refere Sylvio Silva (2007, p. 3) em seu artigo, ao repensar o Litoral Norte da Bahia.

Se por um lado, tem-se a implantação de condomínios residenciais, ao longo do litoral de Camaçari, por outro lado, tem-se a expansão das localidades tradicionais e dos assentamentos urbanos populares, ali situados, sem a integração e aglutinação de identidades urbanas e sociais. Esta realidade, segregadora e de exclusão socioespacial, reforça o paradigma de construção territorial de enclaves ou *guetos de luxo*, conformando uma cidade turística insustentável.

Alguns economistas ressaltam os aspectos positivos do turismo de massa, representados pelos meios de hospedagem tipo resorts, e o lazer, nos quais os prazeres no consumo de alimentos e bebidas são representados pelo *lazer de bar*, ou seja, *lazer de mar*. Portanto, é com gastos expressivos na dinâmica socioeconômica local, que se configura um *cenário tendencial complexo de desenvolvimento local com a urbanização turística*.

Com o objetivo de refletir-se sobre quais são os elementos transformadores e intervenientes no processo de urbanização turística contemporânea, do litoral do Município de Camaçari, identificou-se o turismo residencial, como impactante no modelo de uso e ocupação do solo, em curso no território pesquisado. Confirma-se, dessa forma, a hipótese da insustentabilidade do modelo de ocupação territorial, no qual este lugar não será mais um lugar paradisíaco, com a implantação do turismo residencial, apesar da sua vocação para atividades de turismo, lazer e entretenimento.

Destaca-se a lógica de intervenção dos segmentos representativos na produção do espaço urbano, e o conflito existente entre a dinâmica turística e a urbanística, rebatidas na forma de ocupação territorial.

Desse modo, configuraram-se cenários complexos tendenciais para o desenvolvimento do turismo local / regional a seguir sintetizados no Quadro 42.

Esses cenários tendenciais configurados, a partir das pesquisas, demonstram a complexidade territorial e o paradoxo existente entre as diversas lógicas explicitadas para o desenvolvimento do território pesquisado.

Confirma-se a hipótese 2, com cenários construtivos, positivos e sustentáveis, por meio de ações implementadas na orla marítima de Camaçari, cujo resultado é uma nova cidade do Litoral Norte do Estado da Bahia, com uma nova territorialidade: um contínuo metropolitano, globalizado, competitivo, compartimentado, plurifuncional, complexo e sustentável.

Contraditoriamente, a hipótese 1 confirma-se também na identificação de cenários destrutivos, negativos e insustentáveis, com intervenções públicas e privadas, implantadas no

Litoral Norte da Bahia, configurando um modelo de desenvolvimento local, descomprometido com a sustentabilidade urbano-ambiental e a qualidade de vida da população residente.

O processo em curso, na orla marítima do Município de Camaçari, pressupõe que este não será mais um lugar paradisíaco, caso continue-se com este processo de urbanização acelerada, perdendo sua vocação para moradia, lazer e turismo.

A partir das enquetes e da pesquisa de campo empreendidas, algumas sugestões e reivindicações dos entrevistados são localizadas, territorialmente, e contribuem para a formação de indicadores de sustentabilidade urbana (Quadros 39 e 40). As temáticas abordadas dizem respeito à acessibilidade, identidade cultural, preservação ambiental, educação socioambiental, melhoria da infra-estrutura, qualificação para serviços de apoio ao turismo, gestão do turismo dentre outras.

Quadro 42: Matriz de identificação do cenário complexo tendencial para orla marítima do Município de Camaçari.

NO	CENÁRIO COMPLEXO TENDENCIAL	SEGMENTOS ENVOLVIDOS	LOCALIZAÇÃO TERRITORIAL
1	ALTA DENSIDADE OCUPACIONAL, MUITA DEGRADAÇÃO, AGITAÇÃO INDESEJADA E PERDA DO PADRÃO ESTÉTICO DE BELEZA PAISAGÍSTICA.	Todos os segmentos	Orla futura
2	BAIXA PRODUTIVIDADE PESQUEIRA	pescadores	Ecossistema marinho
3	CONCENTRAÇÃO DE ABASTECIMENTO ALIMENTAR E DE COMÉRCIO E SERVIÇOS DE PORTE MÉDIO	Comerciantes, agricultores, empresários e comunidade	Monte Gordo
4	CONTROLE AMBIENTAL SEVERO COM ORDENAMENTO DO USO E OCUPAÇÃO DO SOLO E GESTÃO DEMOCRÁTICA DO AMBIENTE.	Poder público	Ecossistema costeiro
5	CONURBAÇÃO E FAVELIZAÇÃO	Empresários, comerciantes, poder público	Ao longo da Estrada do Coco
6	CORREDOR DE COMÉRCIO E SERVIÇOS	Comerciantes, empresários, comunidade	ao longo da Estrada do Coco.
7	DEMOCRATIZAÇÃO DOS ESPAÇOS DE LAZER	Poder público, empresários, comerciantes	Município
8	DESENVOLVIMENTO DA INDÚSTRIA DO CARNAVAL	Moradores, turistas, veranistas, comerciantes,	RMS

		empresários	
9	DINAMIZAÇÃO DA ECONOMIA INFORMAL LOCAL	Moradores, turistas, veranistas	Orla
10	NOVA TERRITORIALIDADE	Todos os segmentos	Faixa litorânea
11	NOVAS RELAÇÕES DE PODER ATRAVÉS DOS INSTRUMENTOS LEGAIS: COMITÊS, CONSELHOS GESTORES E FUNDOS	Todos os segmentos	Município , Estado e União
12	ORLA PRESERVADA NOS SEUS ECOSSISTEMAS E POUCO IMPACTADA PELAS ATIVIDADES DE TURISMO E SERVIÇOS A SEREM IMPLANTADOS.	Todos os segmentos	Orla futura
13	PRAIAS E ECOSSISTEMAS PRESERVADOS, POLUIÇÃO CONTROLADA, PACTO DE NÃO AGRESSÃO TERRITORIAL E AMBIENTAL.	Todos os segmentos	Orla
14	PRIVATIZAÇÃO DOS ESPAÇOS PÚBLICOS	Poder público, empresários, comerciantes	RMS
15	TURISMO DE EVENTOS DE GRANDE PORTE	Poder público, empresários, comerciantes	Município e RMS
16	URBANIZAÇÃO ACELERADA, DEGRADAÇÃO E POLUIÇÃO AMBIENTAL, TURISMO DE MASSA E LAZER INTENSIVO	Todos os segmentos	Orla
17	URBANIZAÇÃO DAS AREIAS DAS PRAIAS COM PROLIFERAÇÃO DAS BARRACAS DE PRAIA E DEGRADAÇÃO	Poder público, empresários, comerciantes	Areias das praias
18	VOCAÇÃO PARA TURISMO, LAZER E ECOTURISMO	Todos os segmentos	Orla
19	DESENVOLVIMENTO DO TURISMO SUSTENTÁVEL, LAZER E ENTRETENIMENTO	Todos os segmentos	Orla
20	GESTÃO URBANA DO AMBIENTE NATURAL E CONSTRUÍDO	Todos os segmentos	Orla
21	CONTROLE AMBIENTAL SEVERO, COM ORDENAMENTO DO USO E OCUPAÇÃO DO SOLO	Todos os segmentos	Orla
22	REDES E FLUXOS SOCIAIS NA CONSTRUÇÃO DO ESPAÇO PÚBLICO DE LAZER CONTEMPORÂNEO.	Todos os segmentos	Orla
23	LAZER E TURISMO INTEGRADO A HOTÉIS-RESORTS	Todos os segmentos	Orla
24	PÓLO RECEPTIVO DE TURISMO INTERNACIONAL COM A IMPLANTAÇÃO DE RESORTS E SEGUNDAS RESIDÊNCIAS.	Todos os segmentos	Orla
25	DESENVOLVIMENTO LOCAL COM A URBANIZAÇÃO TURÍSTICA.	Todos os segmentos	Orla

Fonte: Elaboração própria.

Para muitos estudiosos do fenômeno do turismo, o interesse do turismo no desenvolvimento sustentado é lógico, pois se constitui numa atividade que vende o meio ambiente, com seus

atrativos naturais e culturais, portanto, os lugares e as comunidades, que dele fazem parte, são o seu produto turístico. A integridade e a continuidade desses produtos tornam-se a principal preocupação do setor.

O pesquisador australiano, Mullins, que sistematizou a questão da dinâmica do turismo e a da urbanização, propôs uma estrutura conceitual, que leva em consideração as forças sociais envolvidas na urbanização turística. Para ele, o consumo de massa do prazer, representado pelo lado do consumo do pós-fordismo, é sua mais dramática expressão da forma urbana pós-moderna. A urbanização turística considera lugares construídos explicitamente para o prazer (MULLINS, 1991, 326 apud SILVA, S., 1997, p. 166).

Assim, o autor identifica a urbanização turística como:

Espacialmente diferente porque é socialmente diferente; é *simbolicamente* distinta, com símbolos urbanos agindo como atrativos para turistas; distinguida pelo *rápido crescimento da população e da força de trabalho*; diferenciada por um sistema *flexível de produção* porque é parte do pós-fordismo; caracterizada por uma forma especial de intervenção do *Estado* a qual é *empreendedora* no estilo, assim como é a cidade pós-moderna; distinguida por um consumo do *prazer*, costumeiro e de massa; diferenciada por uma *população residente* que é socialmente diferente, por que esta urbanização é socialmente diferente (MULLINS, 1991 apud SILVA, S., 1997, p. 167).

O clima, o turismo residencial, os *resorts*, e ainda o turismo de aventura, como valorização dos lugares, é o grande atrativo de vendas da região estudada.

O desafio, aqui apresentado, foi investigar a contradição existente entre o tipo de desenvolvimento que se deseja para a Região e o processo em curso. A urbanização acelerada da orla de Camaçari está instalada de forma inexorável, e as grandes chances, ainda existentes, de desenvolvimento sustentável desse território, através do turismo ecológico, do turismo de praia e do turismo cultural, também se apresentam como viáveis, no curto prazo.

A lógica de produção do espaço em cada processo desses é diferente, ou seja, o turismo ecológico pressupõe ambientes naturais preservados e a urbanização turística não prescinde da construção de infra-estrutura e equipamentos, ocupando o território de forma intensiva, com impactos negativos no ambiente natural.

Esta dicotomia exige uma tomada de decisão sobre o zoneamento proposto, o uso e ocupação do solo existente, em andamento nas zonas costeiras brasileiras. A dialógica que há entre os

dois processos em curso, no território analisado, configura, por um lado, os *cenários tendenciais sustentáveis com desenvolvimento do turismo sustentável, lazer e entretenimento do litoral de Camaçari*; e, por outro lado, os *cenários tendenciais insustentáveis com o processo de urbanização turística sobre os ecossistemas frágeis do litoral de Camaçari*.

A ocupação da praia, com os atributos do urbano, acrescidos dos elementos que compõem a sociedade de consumo capitalista, direciona e permite a realização de atividades, empreendimentos de comércio e serviços voltados ao prazer e deleite, não apropriados para um ambiente natural, ou seja, um sítio ecológico a ser preservado para as atuais e futuras gerações.

Existe um cenário de degradação ambiental, com a urbanização das areias das praias, e o outro cenário de controle ambiental severo, com ordenamento do uso e ocupação do solo e gestão urbana do ambiente natural e construído.

A democratização dos espaços públicos passa pela reflexão dos direitos de cidadania e da manifestação sociocultural de seus habitantes, além de testemunhar a preocupação comum entre os componentes da paisagem urbana e as interações inerentes desse processo.

O *mar* e o *clima* vendidos como *mercadoria* nos pacotes turísticos exercem grande fascinação justamente por sua atratividade como paisagem arquetípica, associada ao idílio, a liberdade e ao lugar, como elemento simbólico do espaço de poder dos habitantes, formando um par contraditório e dialógico para o espaço litorâneo do Município de Camaçari.

Para Joseph (1993, p. 23), as mudanças das paisagens urbanas caminham juntas com as mudanças de uso e traduzem a abertura dos territórios local/regional às redes e fluxos globalizados. O espaço público, como metáfora da cidade, é o lugar de encontro, marco participativo da ação da sociedade democrática.

A partir do diálogo, com pactos territoriais e sociais entre os setores envolvidos, e a partir da construção dialógica entre cenários complexos e comprometidos com a sustentabilidade urbana, é que se poderá desenvolver o turismo como atividade integradora, inclusiva e promotora de bens de cidadania, desse lugar, que é global e ao mesmo tempo local.